



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.**

LUCENILSON SAW MUNDURUKU

**VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA MUNDURUKU NAS
ESCOLAS: Percepção de professores na EMEIEF Karo Bempõ na
Aldeia Katô, em Jacareacanga- Pará**

**ITAITUBA/ PA
2022**

LUCENILSON SAW MUNDURUKU

**VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA MUNDURUKU NAS
ESCOLAS: Percepção de professores na EMEIEF Karo Bempõ na
Aldeia Katô, em Jacareacanga- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Esp. Lucia Maria da Costa Cruz.

ITAITUBA/ PA
2022

MUNDURUKU, Lucenilson Saw.

VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA MUNDURUKU NAS ESCOLAS: Percepção de professores na EMEIEF Karo Bempõ na Aldeia Katô, em Jacareacanga- Pará. Faculdade de. Itaituba: FAI, 2022.

64 fls.

Orientadora: Lúcia Maria da Costa Cruz

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, 2022.

1.Educação indígena. Cultura da Amazônia I. Cruz, Lúcia Maria da Costa. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2022.

ACADÊMICO: LUCNILSON SAW MUNDURUKU

**VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA MUNDURUKU NAS ESCOLAS:
Percepção de professores na EMEIEF Karo Bempõ na Aldeia Katô, em
Jacareacanga- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ **Nota:** _____
Prof.^a. Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

Avaliadora: _____ **Nota:** _____
Prof.^a Edilane da Silva Melo, Esp

Avaliador: _____ **Nota:** _____
Prof. Dhemesbraene Soares de Sousa, Esp.

Resultado: _____ **Média:** _____

Data: 05 de Agosto de 2022.

Dedico este trabalho a Deus e à minha
família pelo apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela sua supremacia;

À minha família pelo apoio incondicional durante os meus estudos;

Aos meus colegas pela ajuda nas horas precisas;

À FAI, pela oportunidade de cursar Pedagogia;

Aos meus professores pela ajuda em repassar conhecimentos;

À minha orientadora Lucia Maria, por ter- me orientado para a produção desse trabalho;

Agradeço aos que me ajudaram para chegar á esta vitória;

Os sinceros agradecimentos.

“Se aprende na escola Que casa de índio é OCA (isso se for para os Tupi) e é que também cola se for para os Wayãpy. Aonde Yanomami se toca É XAPONO e a gente a insistir Chama de MALOCA. Mas para os Xavante é RI. Para os Pataxó é PÃHÃI É SETHE para os Fulniô. Para os Karajá é HETÔ. Para os Munduruku é UKA... E para os Yawalapiti? E para os Txukahamãe? E para os Kiriri? E para os Krahô? E para os Maxakali? E para os Xakriabá? E para os Kaaeté? E para os Tuxá? E para os Kantaruré?... É bom não se confundir. Não é um FEBEAPÁ E não se fica em pé. Quando seguro não está”

“**PRÓ-PROFESSOR.** Ouro Preto: UFOP, v.1, n.1. 2012”.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, que abordou a valorização da cultura indígena Munduruku nas escolas. Para tanto, foi necessário pesquisas bibliográficas dentre outros autores, buscou-se Brandão (2002), Freire (1995), Gonçalves (2005), Hens (2010), Maués (1999) e de campo com abordagem qualitativa no ano de 2020, onde investigou-se as questões culturais no ambiente escolar na escola estudada. Objetivou-se averiguar a forma em que a cultura indígena é trabalhada na escola; Verificar as metodologias do ensino da cultura dos povos indígenas no ambiente escolar; Identificar manifestações culturais na escola; Compreender a necessidade da valorização de atividades culturais indígenas no ambiente escolar. As questões norteadoras deste trabalho são: A escola trabalha as diversidades culturais? A cultura indígena é mencionada no currículo educacional indígena? Que tipos de manifestações culturais indígenas são trabalhados e estão presentes na escola? O trabalho foi estruturado em três capítulos distintos, onde usou-se as ferramentas para chegar-se aos resultados, como coleta e análise das respostas dos professores entrevistados, onde constatou-se que a educação indígena precisa que a cultura da Amazônia seja trabalhada na escola, pois a cultura como um processo de manifestações e vivências de um povo, deve ser disciplina para conhecimentos científicos.

Palavras- Chave: Cultura. Educação indígena. Cultura da Amazônia.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper, which addressed the valorization of Munduruku indigenous culture in schools. For that, bibliographic research was necessary among other authors, Brandão (2002), Freire (1995), Gonçalves (2005), Hens (2010), Maués (1999) and field with a qualitative approach in 2020 were sought, where cultural issues were investigated in the school environment at the school studied. The objective was to investigate the way in which indigenous culture is worked at school; Check the methodologies for teaching the culture of indigenous peoples in the school environment; Identify cultural events at school; Understand the need to value indigenous cultural activities in the school environment. The guiding questions of this work are: Does the school work with cultural diversities? Is indigenous culture mentioned in the indigenous educational curriculum? What types of indigenous cultural manifestations are worked on and are they present at the school? The work was structured in three distinct chapters, where the tools were used to arrive at the results, such as collecting and analyzing the responses of the interviewed teachers, where it was found that indigenous education needs the culture of the Amazon to be worked on at school , because culture as a process of manifestations and experiences of a people, should be a discipline for scientific knowledge.

Keywords: Culture. Indigenous education. Culture of the Amazon.

LISTA DE SIGLAS

CF- Constituição Federal

ECA- Estatuto da Criança e adolescente

LDB- Leis de Diretrizes e Bases

RCNEI- Referencial Curricular Nacional de Escolas Indígenas

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Para você, o que é a cultura?	47
QUADRO 02	A comunidade preserva as tradições do povo? Como?	48
QUADRO 03	Cite tradições culturais da comunidade.....	49
QUADRO 04	A escola trabalha as diversidades culturais indígenas? De que forma?	50
QUADRO 05	A cultura indígena é mencionada no currículo educacional indígena? Justifique sua resposta.....	52
QUADRO 06	As manifestações culturais consistem na vivência e tradições do povo. Que tipos de manifestações culturais indígenas são trabalhadas e estão presentes na escola?	53
QUADRO 07	Por que é preciso trabalhar a cultura e as tradições no contexto escolar?	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ABORDAGEM SOBRE CULTURA INDÍGENA NO BRASIL	13
1.1 CONTEXTUALIZANDO A CULTURA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO	13
1.2 MANIFESTAÇÕES CULTURAIS INDÍGENA: TRADIÇÕES DE UM POVO	20
1.3 DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA INDÍGENA	22
1.4 CULTURA INDIGENA MUNDURUKU: VALOR SOCIAL	27
2 IMPORTÂNCIA DE VALORIZAR A CULTURA INDÍGENA MUNDURUKU NA ESCOLA	30
2.1 VALORIZAÇÃO DAS TRADIÇÕES CULTURAIS INDÍGENAS MUNDURUKU.	30
2.2 O PROFESSOR A CULTURA DE UM POVO.....	32
2.3 CULTURA INDÍGENA MUNDURUKU E INCLUSÃO CURRICULAR	35
2.4 A ESCOLA E AS TRADIÇÕES CULTURAIS	39
3 VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA MUNDURUKU NAS ESCOLAS: PERCEPÇÃO DE PROFESSORES NA ESCOLA EMEIEF KARO BEMPÕ NA ALDEIA KATÔ, EM JACAREACANGA- PARÁ	45
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	45
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	46
3.4 ANÁLISE DA PEQUISA COM OS PROFESSORES	47
3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES	55
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE	61

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, que abordou a valorização da cultura indígena Munduruku na escola EMEIEF Karo Bempõ na Aldeia Katô, em Jacareacanga- Pará. Para tanto, foi necessário pesquisas bibliográficas e de campo com abordagem qualitativa no ano de 2020, onde investigou-se as questões culturais no ambiente escolar na escola estudada.

Buscou-se averiguar a forma em que a cultura indígena é trabalhada na escola; Verificar as metodologias do ensino da cultura dos povos indígenas no ambiente escolar; Identificar manifestações culturais na escola; Compreender a necessidade da valorização de atividades culturais indígenas no ambiente escolar.

As questões norteadoras deste trabalho são: A escola trabalha as diversidades culturais? A cultura indígena é mencionada no currículo educacional indígena? Que tipos de manifestações culturais indígenas são trabalhados e estão presentes na escola?

O trabalho foi estruturado em três capítulos distintos, em que o primeiro fez uma abordagem sobre cultura indígena no Brasil; Contextualizando a cultura indígena na educação; manifestações culturais indígena: tradições de um povo; A Diversidade cultural na escola indígena e a cultura indígena Munduruku: valor social

O segundo capítulo abordou a importância de valorizar a cultura indígena munduruku na escola; valorização das tradições culturais indígenas Munduruku; o professor e a cultura de um povo; cultura indígena Munduruku e inclusão curricular; a escola e as tradições culturais

O terceiro capítulo valorização da cultura indígena Munduruku nas escolas: onde analisou-se percepção de professores na escola EMIEIF Muo Biorebu, em Jacareacanga – Pará., com uma pesquisa realizada em outubro de 2020, numa abordagem qualitativa que visou explorar os entrevistados, com coletas e análises das respostas dos mesmos, a discussão e sugestões de propostas, como também, a conclusão de todo o trabalho.

Diante disso, percebeu-se que a escola trabalha a cultura indígena étnica local, necessitando abordar na escola, a amazônica, com mais amplitude para maiores conhecimentos.

1 ABORDAGEM SOBRE CULTURA INDÍGENA NO BRASIL

1.1 CONTEXTUALIZANDO A CULTURA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO.

Quando menciona-se os costumes e tradições de um povo, considera-se que toda e qualquer cultura é formada a partir das soluções encontradas por uma sociedade para resolver os problemas que lhe são colocados ao longo da sua existência de forma coletiva.

Dessa forma, cultura, em seu significado mais amplo, é a língua falada e escrita, a religiosidade, as práticas sociais, as artes, os comportamentos dos indivíduos em sociedade, seja no espaço público ou privado. Portanto, pode-se dizer que ela é tudo o que tem significado para determinada sociedade, independentemente da classe social em que vivem os sujeitos.

Diante disso, a cultura é um conjunto de saberes e práticas a partir dos quais um povo torna-se apto para a vida; é o conjunto dos meios e saberes criados, assimilados, aprendidos, para se relacionar com o mundo e com a vida nos seus mais diversos aspectos como alimentação, vestuário, moradia, trabalho, comunicação, jeito de viver, de pensar e agir.

A cultura é a própria identidade nascida na história, que ao mesmo tempo nos singulariza e nos torna eternos. É índice e reconhecimento da diversidade. É o terreno privilegiado da criação, da transgressão, do diálogo, da crítica, do conflito, da diferença e do entendimento. (CAMPOMORI, 2008, p. 78-79)

Conforme o autor, dentro da perspectiva contemporânea, assiste-se a um alargamento acerca do conceito de cultura, que passa a ser concebidas como algo multidisciplinar com sua transversalidade inerente, dando origem a recortes temáticos dentro da própria definição do termo cultura, manifestações, costumes, vivência e tradições de um povo.

Assim, todas as ações humanas são motivadas por conhecimentos que têm origens diversas. O conhecimento oriundo do senso comum, o conhecimento religioso e o conhecimento científico norteiam a vida humana e proporcionam uma concepção de mundo. Contudo, essas formas de conhecimento apresentam naturezas diversas e visões diferentes sobre o mundo. Mediante a informação de Botelho (2007)

Vale nesta linha de continuidade a incorporação da dimensão antropológica da cultura, aquela que, levada às últimas consequências, tem em vista a formação global do indivíduo, a valorização dos seus modos de viver, pensar e fruir, de suas manifestações simbólicas e materiais, e que busca, ao mesmo tempo, ampliar seu repertório de informação cultural, enriquecendo e alargando sua capacidade de agir sobre o mundo. O essencial é a qualidade de vida e a cidadania, tendo a população como foco (BOTELHO, 2007, p.110).

Considerando a questão, muito fala-se que os índios estão perdendo sua cultura. Um indígena calçado e vestido com calça jeans, falando português, utilizando gravadores e vídeos ou morando em uma cidade aparece aos olhos do público como menos índio e causa incômodos. Asseguram que eles deveriam seguir suas tradições, seus costumes, suas manifestações e modo de viver, acreditando-se que é um ser humano que não deve e nem precisa evoluir.

Neste contexto, a figura do índio no Brasil e o espaço que ele ocupa na sociedade brasileira têm sido concebidos também de modo mutante, onde a transformação está sempre ocorrendo. Em um primeiro momento, pensa-se este, como parte da formação da sociedade brasileira, tratando-o como importante, no passado, para a constituição da singularidade nacional; o foco está assim, no índio como nosso antepassado, nas heranças herdadas; seja genética, cultural ou na importância para a adaptação do colonizador europeu ao novo meio.

O ser humano, mais do que qualquer outro animal, tem necessidade desses saberes, que são elaborados em sua vivência coletiva e transmitidos de geração a outra através da educação. A educação, assim entendida, extrapola em muito o espaço escolar e atinge a totalidade da vivência social do educando, como também a interação e inserção nos grupos aos quais compartilha.

Assim, cada gesto, ação ou palavra que um sujeito que tende a se transformar e viver novas experiências presencia e contribui de uma forma ou outra, voluntariamente ou não, para a sua formação; e neste aspecto, constitui-se em parte integrante do seu processo educacional e desenvolvimento integral.

Por muito tempo, e ainda hoje em muitas sociedades, a educação é realizada de forma espontânea e fora de qualquer instituição especializada. As sociedades indígenas do Brasil dão bons exemplos desse relacionamento íntimo entre ensino, cultura, vida e modo de se apresentar em seu meio.

[...] Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre o diferente grupo sócio culturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade. (CANDAUI, 2008, p.52)

Impressiona a maneira natural, suave e, acima de tudo, livre, como uma criança indígena aprende a ser um adulto plenamente apto para a vida. Esta, precisará aprender muitas coisas ao longo de sua existência, como dominar sua língua e o espaço onde vive, conhecer as histórias, mitos e tradições da sua tribo. Também deve produzir tudo o que vai usar no seu dia a dia, desde os utensílios mais simples até as suas próprias casas, precisa conhecer a floresta, caçar, pescar, plantar, prevenir-se dos perigos, conhecer os cantos, as danças, preparar e participar dos diversos rituais. Enfim, viver sua vida diferente de outros povos, preservando aquilo que só pertence a eles.

Todo esse aprendizado acontece naturalmente, sem que para isso precise-se de qualquer instituição especializada no ensino ou na educação dos índios. Sua escola é a própria aldeia e seu entorno; seus professores são todos os membros da tribo, especialmente os mais velhos. Sobretudo, seu tempo de estudo se confunde com o tempo da própria existência em que aprende-se a caçar, caçando com os mais velhos; aprende-se a dançar e cantar, a produzir um arco ou construir uma casa, da mesma maneira, embora simples, mas aconchegante.

Diante dessa questão, o aprendizado cultural consiste em conhecer as histórias ouvindo-se os adultos contarem-nas uns para os outros em momentos de confraternização coletiva e ali se aprende a respeitar e admirar a vasta sabedoria acumulada pelos anciãos.. Mas não é apenas nas sociedades indígenas das florestas brasileiras que pode-se encontrar semelhante concepção do ato de educar.

As experiências educacionais dos gregos antigos e dos índios do Brasil, por diferentes que sejam entre si, têm em comum pelo menos dois fatores importantes. Pois ambas nascem no seio de uma comunidade de destino, de um grupo ciente de sua identidade coletiva, da qual se orgulha e pela qual se distingue dos seus vizinhos. Também, ambas tem clareza do que desejam com os seus

procedimentos educativos e o perseguem ou perseguiram por gerações sucessivas.

Por conseguinte, tais experiências podem servir de regras necessárias para avaliar a situação do sistema educacional, evidenciando problemas e oferecendo alternativas viáveis. Por superficial que seja esta breve análise e por limitadas que possam ser as ações adotadas dentro dos limites de uma unidade escolar, ainda assim, essas considerações servem de base e estímulo para a realização de novas experiências, tendo como base da cultura brasileira, os africanos, europeus e indígenas.

A lei 10639/2003 alterou a LDB para tornar obrigatório, nos currículos de educação básica brasileira, a inclusão da história e da cultura afro-brasileira. Esta lei foi alterada, em 2008, pela lei 11645, que acrescentava a obrigatoriedade de se trabalhar nas escolas a história e a cultura dos povos indígenas. Estas leis chegam com bastante atraso, mas, de qualquer maneira, vêm corrigir uma trágica distorção histórica que as escolas vêm reproduzindo ao longo do tempo: a obliteração da contribuição de índios, africanos e afrodescendentes para a história do Brasil. [...] principalmente, contribuir para que nossos estudantes possam conhecer, entender e valorizar a contribuição dos diferentes povos, especialmente africanos e ameríndios, para formação da sociedade e da cultura brasileiras. (BRASIL, 2008)

Considera-se as partes referentes às contribuições de africanos e europeus. Os índios, habitantes das comunidades indígenas, até o ano de 1500, momento dos primeiros contatos com os europeus, possuíam mil e quatrocentos povos, aproximando-se de um quantitativo de 3 a 5 milhões de indígenas.

Os povos indígenas eram divididos em nômades e seminômades: eles se deslocavam constantemente de uma região para outra até o esgotamento dos recursos vegetais e animais disponíveis, ou seja, deslocavam-se à procura da pesca, da caça e do pequeno plantio para a sobrevivência.

Considera-se que grande parte dos povos indígenas morava em aldeias, pequenas comunidades. Muitos estudiosos das culturas dessa etnia, defendiam a ideia de que esses povos possuíam uma organização política, mas não tão complexa. Geralmente as lideranças de uma aldeia originaram-se dos valores culturais e sociais que os guerreiros e chefes espirituais ostentavam dentro de suas comunidades, como verdadeiros líderes.

Muitos dos hábitos, costumes, alimentação e crenças da sociedade brasileira é herança direta dos povos indígenas, como o hábito de andar descalço, o costume de dormir em rede, o hábito da pesca e caça, alimentação à base de mandioca, farinha, polvilho, beiju, além das crenças na eficácia das plantas como alternativa para cura de doenças com remédios da terra.

De certa forma, a produção indígena de um modelo cultural, e estético, com símbolos e manifestações culturais de outras etnias, uma mistura de tudo vai culminar em outras tradições. A proposição de que a compreensão da diversidade indígena ainda se dá num quadro marcado por desinformação, preconceito e discriminação, precisa-se procurar outras informações e a tomar outras atitudes frente àqueles que são diferentes uns dos outros. Porém, deve-se respeitar o diferente.

Assim, constata-se que “Desta maneira, o desprezo cultural, por ignorância, o silêncio ou a “invisibilidade” do outro, da pessoa diferente, estão na raiz profunda e verdadeira da discriminação e do racismo” (DIÉNE, 2004: 06). Isso se torna possível na medida em que dispõe-se a rever algumas ideias e valores, percebendo as construções ideológicas que sustentam determinadas visões sobre a questão indígena. Ser ético é respeitar também as pessoas como elas são.

Há muito a descobrir e construir em termos de novas formas de relacionamento com esses descendentes dos primeiros habitantes do que viria a ser o Brasil, que insistem em ser o que são, em manter suas línguas, suas crenças e seus modos de vida, suas visões de mundo.

Considerando a questão, outro costume que os índios têm de diferente, é o modo de viver deles, que vivem da caça, da pesca e coleta de vegetais silvestres, obedecendo aos ciclos de atividades de subsistência da floresta que é o seu habitat, respeitando e conhecendo o ciclo das chuvas, enchentes, estiagem e seca. Costumam reunir-se em grupos de casais, entre parentes e de tradições manifestadas.

Sempre preservam a infância da mulher que só pode se tornar esposa após a primeira menstruação (acompanhada de ritual especial, de acordo com a tribo). Não existem padrões morais de virgindade ou adultério, tudo se resolve com conversas entre parentes próximos e com acordos entre as famílias e suas tradições.

[...]. A interação com uma cultura diferente contribui para que uma pessoa ou um grupo modifique o seu horizonte de compreensão da realidade, na medida em que lhe possibilita compreender ou assumir pontos de vista ou lógicas diferentes de interpretação da realidade ou de relação social. (FLEURI, 2001, p.53)

Quanto aos grupos indígenas podem se diferenciar segundo o nível de contato com a civilização não indígena. Eles podem ser considerados como isolados com contatos raros e acidentais; integrados, aqueles que falam em português ou trabalham nas cidades, e contato intermitente, são aqueles que mantêm contato permanente com os não indígenas.

A interação com a diversidade cultural presente no dia-a-dia do sujeito, remete a conviver com diferenças de todas as ordens, exigindo de todos e cada um a tolerância e o respeito ao diferente. Mas não é fácil reconhecer e aceitar a diversidade humana. Homens e mulheres, crianças, jovens e adultos são diferentes, pensam de forma e agem de maneira diferente. A verdade é que todas as pessoas são diferentes e isso, muitas vezes, causa conflitos e desentendimentos entre as pessoas.

As diferenças raciais se constituem num dos grandes dilemas que, sem sombra de dúvidas, atravessa os períodos da evolução humana. Independentemente de ser de ordem física, social, cultural ou étnica ela sempre está presente para estigmatizar, rotular, marcar, elevando ou rebaixando pessoas. Igualmente, as diferenças culturais apresentam-se de diversas formas, através de seus valores, símbolos, regras, padrões, vestimentas, hábitos, costumes, etnias, forma de pensar e agir, manifestações e demais aspectos culturais e sociais.

Assim, apresentam-se e encontram-se sempre em processo de mudança e isso tudo aparece e é transmitido no agir cotidiano. Dentro das salas de aula não é diferente. O que observa-se na escola, é que os professores não estão preparados para trabalhar com a diversidade cultural existente em suas salas de aula a ponto de respeitar as diversas culturas existentes nelas.

Mediante a questão, existe quem atende antiga solicitação do movimento indígena do país e de estudiosos da questão indígena, na intenção um tratamento adequado à diversidade étnica e cultural que marca nossa sociedade. Sabe-se pouco e conhece-se mal a história de vida e o modo de viver dos povos indígenas que vivem no Brasil.

[...] Cada grupo humano "tende a considerar a sua própria visão das coisas como a mais correta; como aquilo que é realmente "humano", "civilizado", "normal", "natural". Isto porque a cultura tem esta capacidade de dar a base, de modelar o modo de cada pessoa pensar a vida e se colocar no mundo. [...] por ver o nosso modo de conceber as coisas como 'natural', 'correto', 'humano' e 'civilizado'. Conseqüentemente, pessoas que vivem e pensam de outro modo, diferente do nosso (do nosso grupo social, da nossa sociedade, da nossa cultura) parecem aos nossos olhos como sendo menos humanas, mais primitivas, estranhas e exóticas" (SILVA, 1988, p. 08).

Dessa forma, isso tem relação direta com a falta de informação sobre esses povos, seja em termos do processo histórico, no qual seguiram políticas adversas a eles dirigidas, seja em termos contemporâneos. Hoje a cena indígena no Brasil se compõe de povos que estão em contato com segmentos da sociedade brasileira.

Neste sentido, seja em termos de sua difusão pelos meios de comunicação, nas diferentes esferas de governo, na mídia, na escola e nos livros didáticos, o quadro de desconhecimento, ignorância e preconceito em relação aos povos indígenas permanece com amplas ramificações pela sociedade. Faltam informações e falta conhecimento e prevalecem a intolerância, o preconceito e a discriminação.

Diante disso, datam há mais de 300 anos, com outros que se recusam ao convívio mais duradouro, refugiando-se em rincões distantes da Amazônia e fugindo do contato permanente, ou de povos monolíngues em suas línguas indígenas e outros monolíngues em português; ou, ainda de povos cuja população total não ultrapassa uma centena de indivíduos, a outros cujo contingente populacional se espalha por inúmeras aldeias, em vários estados da federação, atingindo uma cifra que vai além de 35.000 pessoas.

Há povos que vivem na floresta, outros que vivem no sertão; há os que vivem próximos do mar, e outros na beira de estradas ou em distritos urbanos de grandes capitais. É preciso refletir, sobre os dilemas contemporâneos do pluralismo cultural e o papel da instituição escolar na formação dos cidadãos. Carvalho (2004) ressalta que,

[...] Para um acolhimento da diferença cultural na escola é contribuir para a construção de um pacto social mais democrático, igualitário e fraterno. No caso brasileiro, nosso currículo escolar é ainda profundamente eurocêntrico e a cultura e os valores afro-brasileiros, indígenas, japoneses, árabes são quase inexistentes nos programas das disciplinas. Além disso, as expressões culturais típicas desses contingentes étnicos e raciais são muitas vezes abordadas de forma estereotipada (CARVALHO, 2004, p. 9-10).

Conforme o citado, a cultura indígena está presente na língua materna, nos costumes, cantos, danças, pinturas corporais, ritos, narrativas, saberes e tecnologias. Ela é uma das raízes ou matrizes da cultura brasileira atual. Seus traços são encontrados em diferentes momentos cotidianos dos brasileiros.

Dessa forma, faz-se presente na alimentação ou em comidas como mandioca, pipoca e tapioca, em objetos, como a rede de descansar, no conhecimento das ervas medicinais, na nomenclatura de animais, no folclore, religiões, em manifestações culturais tradicionais e na relação com a natureza que é respeitada e admirada.

[...] a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças. É essa, a nosso ver, a questão hoje posta. A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. [...]. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamado a enfrentar. (MOREIRA, 2003, p.161)

Portanto, a diversidade cultural, religiosa, política, étnica é um fato do mundo contemporâneo, assim como o é o fanatismo religioso, a intolerância racial, o sectarismo político. Para enfrentá-los, é preciso construir novos paradigmas de entendimento da diversidade, pautados pelo reconhecimento dos direitos da pessoa humana e dos grupos humanos, cuja marca maior é justamente a diferença, seja de tipos físicos, seja de crenças, de modos de ser, de valores, de comportamentos, de modos de expressão, como também a forma de vida do sujeito em sua realidade.

1.2 MANIFESTAÇÕES CULTURAIS INDÍGENAS: TRADIÇÕES DE UM POVO

Na realidade, no mundo existem vários povos, e cada povo possui sua cultura, seu modo de ser e de viver, com seus costumes, educação, credences, teorias sobre o criacionismo, mitos, religiosidade, variedade de alimentação feita e degustada de acordo com a tradição e cultura local do povo, com suas diferenças que se tornam corretas, dentro de suas realidades. Sobretudo, há culturas específicas que se tornam especiais por suas raízes, sua solidez e a forma de sobreviver, como a da etnia indígena.

Com uma cultura muito diversificada, os indígenas, têm suas peculiaridades. Além de cada povo ter sua própria sabedoria e maneiras de viver, com o contato entre estes povos, bem com aqueles que vieram da Europa e posteriormente de outros lugares do mundo, essa cultura foi se transformando e tomando diversas formas e jeito de ser.

Atualmente, a cultura material dos povos indígenas expressa aos outros setores da sociedade a sua visão de universo e, quase sempre, cumpre uma função utilitária no cotidiano da comunidade tribal. Mas esta visão vem sendo influenciada, pelas mais variadas formas de pressão e expressão a que estão submetidos os povos indígenas brasileiros, cujas terras são ambicionadas pelos regionais, em virtude das riquezas da flora, fauna e do subsolo.

A Constituição Brasileira garante aos índios, “o direito a organização social, costumes, línguas, crenças, tradições e terras tradicionalmente ocupadas”. (BRASIL, 1988), embora se aponte questões que deixa essa garantia a desejar.

Mesmo assim, alguns aspectos da cultura indígena foram preservados e são manifestados ainda atualmente, como algumas de suas ritualísticas; cujos rituais são os responsáveis por contar ou recriar os mitos de um povo, promovendo a interação entre divindades, homens, animais e plantas e os seres que os cercam. Os mitos estão muito presentes na cultura indígena, de modo que são eles que explicam todos os acontecimentos do mundo físico. Estes mitos são as histórias fundamentais, ou fundadoras, que mantém a unidade de crenças de um grupo indígena. “[...] representações e práticas que a população utiliza tanto individual quanto socialmente para diagnosticar, explicar, atender, controlar, aliviar, suportar, curar, solucionar ou prevenir os processos que afetam sua saúde [...]”. (MENÉNDEZ, 2009, p. 48).

Diante disso, que não há uma religião indígena única, pois cada povo tinha e ainda tem suas próprias crenças, rituais e manifestações. O que é comum entre os grupos é a crença em divindades ligadas às forças da natureza, bem como em espíritos dos antepassados. Comumente se referencia a religião dos índios das terras brasileiras como Xamanismo, um conjunto de crenças e práticas ancestrais sob a condução do Xamã, o qual é denominado de Pajé.

Mediante a situação, “O xamanismo é uma instituição social cujos representantes através do êxtase produzido segundo padrões tribais, entram em contato com o sobrenatural a fim de defender a comunidade de acordo com suas

respectivas ideologias religiosas, seja por viagens a mundos do além, seja pela possessão por espíritos”. (BALDUS, 1965/66. p. 187).

Considerando o citado, o Xamanismo tem como base promover as conexões entre os seres vivos com o mundo espiritual. Ainda assim, há uma pluralidade de manifestações religiosas entre os indígenas, as quais variam em conformidade com a histórica de cada povo e no que eles acreditam e que repercute em todos os aspectos culturais dos mesmos e em suas realidades.

A dança é uma forma de expressão nas ritualísticas indígenas, podendo estar relacionada com várias ocasiões, como a preparação para uma guerra ou quando voltam desta, celebração de um cacique, comemoração pela boa colheita ou pescaria, ritos de passagem, comemoração de eventos naturais, dentre outros.

Portanto, os saberes indígenas são acionados e efetivam as estratégias de sobrevivência e melhoria e qualidade de vida coletiva; A reprodução bio-social dos Mundurucu concretiza-se através de uma descrição de universo em ação e assim, a resistência de um povo guerreiro, que vive e sobrevive na natureza, com o intuito de preservar sempre; tanto esta que lhe proporciona tudo, quanto sua forma de viver.

1.3 DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA INDÍGENA

Faz-se necessária a compreensão e o reconhecimento da pluralidade cultural existente no Brasil, como a cultura indígena, além de materiais apropriados para que a lei seja implementada satisfatoriamente. Isto corresponde à valorização da diferença de ideias, conhecimentos, opções religiosas, etnias e aceitação de que uma sociedade deve conviver com a diversidade. Assim como, evitar discriminações futuras já presenciadas nos dias de hoje, oportunizar aos profissionais da educação, a participação em cursos sobre o tema, nos quais possam sanar dúvidas, discutir a cultura indígena e realmente inseri-la no contexto escolar.

A defesa da diversidade cultural é um imperativo ético, inseparável do respeito à dignidade humana. Ela implica o compromisso de respeitar os direitos humanos e as liberdades fundamentais, em particular os direitos das pessoas que pertencem a minorias e os dos povos autóctones. Ninguém pode invocar a diversidade cultural para violar os direitos humanos garantidos pelo direito internacional, nem para limitar seu alcance. (UNESCO, 2001, p. 3)

Percebe-se que na declaração a defesa da diversidade cultural caracterizou-se por ser um patrimônio comum da humanidade ao garantir o pluralismo de cultura. Desta maneira, a comunidade internacional contou com um instrumento capaz de abranger questões relacionadas à diversidade cultural e ao diálogo intercultural. Entretanto, não há prescrições de ações concretas, mas orientações para que os países possam respeitar e conservar o caráter plural da identidade do indivíduo dentro de sociedades igualmente diversificadas e reconhecidas.

A educação escolar foi utilizada como uma ferramenta de catequização, como aliada na discriminação e na visão ideológica do indígena, que influenciou a formação do povo brasileiro. São construções ideológicas de desvalorização da imagem do outro, feitas pelo "branco europeu", que foram inseridas nos currículos escolares, e se perpetuaram por muitos séculos, contribuindo para o massacre cultural dos povos indígenas.

Uma imposição de outra ideia, era acreditar que o "índio" não tinha passado histórico, conhecimento e até alma. Eram desconsideradas as narrativas históricas dos povos indígenas, relacionando-os a um tempo primitivo. A imposição do processo escolar entre os povos indígenas destruiu conhecimentos milenares, guardados na memória coletiva de cada povo e importantes para a humanidade. Por isso, muitos povos foram extintos e outros sobreviveram, mas perderam parte de elementos culturais como a língua e o território, porque foram obrigados a negar sua identidade para serem tratados como brasileiros. Atualmente percebe-se que essa realidade prevalece.

Um documento da UNESCO, a "Declaração sobre raça e sobre preconceitos raciais", de 1978, foi um dos primeiros textos a propor os conceitos fundantes da educação intercultural. A Declaração afirma que "todos os povos e todos os grupos humanos, qualquer que seja a sua composição ou a sua origem étnica, contribuem conforme sua própria índole para o progresso das civilizações e das culturas, que, na sua pluralidade e em virtude de sua interpretação, constituem o patrimônio comum da humanidade" (UNESCO, 1978, APUD FLEURI, 2001, p.51)

Assim, as questões interculturais podem assumir variadas perspectivas e múltiplos olhares pedagógicos e conhecimentos certos, condizente à educação.

Parte-se da premissa do reconhecimento de distintos grupos e da sua efetiva interação. Há o reconhecimento da intencionalidade dos sujeitos envolvidos no processo histórico e, no campo educativo, há o interesse também na promoção de novas relações.

Dessa maneira, entende-se que a sociedade não é homogênea, que a cultura é um processo dinâmico e que as identidades individuais e coletivas devem ser compreendidas em suas múltiplas manifestações. Num país como o Brasil, pluricultural e multiétnico, mas marcado pela desigualdade social, corrigir os erros do passado requer uma tomada de decisões e mudanças nas ações governamentais e uma reflexão profunda na história brasileira que precisa ser revista.

Assim, em nível das práticas educacionais, a perspectiva intercultural propõe novas estratégias de relação entre sujeitos e entre grupos diferentes. Busca promover a construção de identidades sociais e o reconhecimento das diferenças culturais. Mas, ao mesmo tempo, procura sustentar a relação crítica e solidária entre elas. (FLEURI, 2001, p.49)

A educação pode ser um dos instrumentos pedagógicos sociais para construir as relações interculturais, baseadas no diálogo entre as culturas. Os povos indígenas têm muito a contribuir na busca de um mundo melhor para a humanidade. E partindo da igualdade, da diferença e da parceria que pode-se criar o novo.

Neste contexto, esse novo só poderá ser criado se a sociedade nacional oferecer a oportunidade aos povos de mostrarem a sua capacidade e competência de gerenciar seu próprio destino. Enfim, trata-se de construir também novas concepções de entender o outro dentro da sua potencialidade individual e coletiva. Na etnia indígena, faz - se necessário a prevalência da cultura, de sua vida e forma de viver na natureza.

Uma dupla dimensão caracteriza a educação multicultural: de um lado, a necessidade de promovermos a equidade educacional, valorizando as culturas dos alunos e colaborando para a superação do fracasso escolar. Por outro, a quebra de preconceitos contra aqueles percebidos como “diferentes”, de modo que se formem futuras gerações nos valores de respeito e apreciação à pluralidade cultural, e de desafio a discursos preconceituosos que constroem as diferenças. (CANEN & OLIVEIRA, 2002, p.63)

A partir da década de setenta, houve mudanças, nesse contexto, em nível internacional e nacional, com a mobilização e reorganização dos povos indígenas, apoiados por entidades e em colaboração com os demais segmentos da sociedade nacional. Ademais, as relações dos povos indígenas, com a sociedade civil, foram estabelecidas através da articulação entre as organizações não governamentais, conquistando espaços sociais e políticos, contrariando as ações de integrações do Estado Brasileiro.

Dessa forma, a escola passou a ser pensada dentro dos direitos humanos e sociais, foi reconhecida a diversidade cultural e as experiências sócio-políticas, linguísticas e pedagógicas na valorização do saber tradicional dos povos indígenas. Sobretudo, a partir da implementação da Lei n. 11.645/08, que foi sancionada para reconhecer a contribuição cultural e histórica dos indígenas. Há, no entanto, questões relacionadas à legislação vigente que precisam ser investigadas na prática escolar, tais como a verificação do seu cumprimento e a maneira como tem sido efetivada na escola.

Reconhecendo a educação comunitária dos conhecimentos construídos, ao longo destes séculos, dos processos próprios de aprendizagem e a visão de mundo de cada povo. Alguns órgãos do Estado apoiaram e passaram a discutir a educação escolar, dentro de uma nova visão de respeito à educação intercultural e de afirmação étnica.

Mediante a questão, “À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural”. (HALL, 1999, pg. 74). A adaptação e novas escolhas das identidades modificam-se juntamente com as mudanças sociais, políticas e econômicas das etnias. .

1.4 CULTURA INDIGENA MUNDURUKU: VALOR SOCIAL

A cultura é toda a manifestação da vida de um povo. Assim, só o homem é portador de cultura. Por isso, só ele a cria, a possui e a transmite. A cultura é uma herança que o homem recebe ao nascer. A herança cultural não se confunde com a herança biológica, pois enquanto a primeira é através de interação, a segunda reflete a herança.

A formação do povo brasileiro consiste em uma forma humana de estar e agir no mundo que envolve diversas etnias com suas particularidades, que definem sua cultura. O Estado assegura a proteção legal de tal cultura por meio de vários mecanismos, entre os quais a formação escolar. Diante do que define o texto constitucional sobre cultura, cabe ao Estado prover meios de acesso dos cidadãos aos bens de valores econômicos e culturais da sociedade. Pois a vida humana é dotada de suas manifestações.

Ao considerar que uma cultura é constituída por outras, a pluralidade não a descaracteriza; apenas a torna complexa, pois as demais culturas são diversificações que ocorreram devido às transformações da trajetória histórica. São essas diferenças que definem a identidade cultural brasileira que é fundamentalmente mestiça e sincrética. Aliás, é uma forma de definir como vive determinada etnia e como se estabelece suas formas de interagir e socializar-se.

Neste contexto, Thomaz (1995) ressalta que a cultura pode ser entendida como um código simbólico que possui uma dinâmica e uma coerência interna, além de ser compartilhado pelos membros de um grupo, mas que pode ser representado por membros que não pertencem a ele. Desta maneira, estes conjuntos de símbolos possuem níveis de abrangência diferentes, pelos quais o ser humano aprende a dar um sentido específico à experiência humana. Por isso, a cultura é importante para que o homem atribua significados às suas ações e ao mundo no qual está inserido, com um sentido mais profundo.

Diante dessa situação, a herança cultural não se confunde com a herança biológica. O homem ao nascer recebe as heranças culturais e transmite hábitos e costumes e a biológica lhe transmite as características físicas ou genéticas de seu grupo humano. É o ser humano em evidências, com sua característica única, no grupo de seres vivos, que tem a capacidade de fazer história.

Se a cultura for vista como um valor, um recurso que deve ser reconhecido, valorizado, mobilizado e articulado de forma complementar com os outros conhecimentos, poderemos ver que este recurso nos permitirá somar, multiplicar nossos potenciais de crescimento e de resolução de nossos problemas sociais e construir uma sociedade mais fraterna e mais justa. (BARRETO, 2008, p. 29)

De acordo com o citado, a cultura é o resultado da manifestação do homem em diferentes tempos e espaços, sendo transmitida às gerações seguintes. Assim, possui seus valores e suas contribuições para a formação da população.

Considerando o Brasil como um país constituído por diferentes etnias, culturas e grupos sociais, formando sua identidade, necessita-se de um currículo que contemple toda essa pluralidade cultural, a começar pela indígena.

Percebe-se que o importante não é impedir o índio de se aproximar e utilizar-se dos conhecimentos de outras civilizações; mas, sobretudo, permitir a evolução sem perder sua identidade, cuja preocupação encontra-se efetivamente relacionada à conservação de suas raízes, de suas características nativas.

A cultura indígena, antes vista como transitória, fadada à extinção passa agora a ser vista não apenas como uma referência do passado com diferenças culturais que sobreviveram após 500 anos; mas como parte do nosso futuro. Para garantir o fortalecimento das práticas sócio culturais e a língua materna remete-nos a questão da formação de professores para atuar nas escolas indígenas.

[...] A identidade é uma construção que se narra. Estabelecem-se acontecimentos fundadores, quase sempre relacionados à apropriação de um território por um povo ou à independência obtida através do enfrentamento dos estrangeiros. Vão se somando façanhas em que os habitantes defendem-se, ordenam seus conflitos e estabelecem os modos legítimos de convivência, a fim de se diferenciarem dos outros. (CANCLINI 1999, pg. 163).

De acordo com as diferenciações de identidades, as mesmas fazem com que ao imaginar o índio brasileiro e o índio americano, o indivíduo forme mentalmente duas imagens completamente diferentes. Da mesma forma que descrever um culto religioso tribal e um culto religioso católico, o narrador precise utilizar de diferentes caracterizações precisas.

O ser humano ao nascer recebe a herança cultural lhe transmite hábitos e costumes, ao passo que a herança biológica lhe transmite as características físicas ou genéticas de seu grupo humano. O modo de viver ou como o povo vive, está assegurado na Constituição Federal, Art 231, “são assegurados aos índios seus usos costumes, línguas, crenças tradições...” As terras essenciais à prática desse modo de vida também estão garantidos.

Assim, trata-se de benzimentos de prevenção e de curas. São as crenças nas forças protetoras e destrutivas das divindades. São diversos modos de conduzir suas vidas de acordo com as exigências de cada momento da vida com jejuns e dietas alimentares antes, durante e pós-cerimoniais; após o nascimento de uma nova pessoa.

Neste contexto, o respeito pelos diversos ciclos da vida humana até a morte é visível, como também a valorização de narrativas de histórias sagradas ou dos mitos, do surgimento da humanidade, realizam festas com ritos e cerimoniais, danças e cantos relacionados com os ciclos de festas, que seguem os ciclos da vida humana e da natureza. Valorizam a organização social construída por seus avós e demais antepassados. É preciso o respeito à essa diversidade cultural, que deve ser revista pelo povo, a partir das instituições escolares.

Alguns teóricos culturais argumentam que a tendência em direção a uma maior interdependência global está levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes e está produzindo aquela fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, àquela ênfase no efêmero, no flutuante, no impenetrante e na diferença e no pluralismo cultural.[...] (HALL, 1999, pg.73).

Ao assegurar a visão de que o índio tem que pensar e agir como o “civilizado”, é a visão integracionista que foi fulminado pela Constituição de 1988, como o pensamento de sobreposição cultural, julgando ser o índio sem cultura ou pior julgando ser a cultura do “civilizado” melhor que a dos nossos povos. Assim, os valores culturais, para com as terras não é comercial, é a própria vida, a própria manifestação..

Desta forma, ao contrário do imaginário popular, não é a indumentária, cor da pele ou posição social, que diferencia, nós, os índios, como seres humanos, mas, sim os valores que cultivamos no meio em que vivemos. Ser indígena, nativo brasileiro, não é apenas uma condição de estar natural; mas, sobretudo, é ver o mundo desprovido de valores mercantilista (cosmovisão). Uma das capacidades que diferenciam o ser humano dos animais irracionais é a capacidade de produção de nossa cultura, do trabalho das lutas para a sobrevivência.

Diante disso, trazer à tona as vivências dos africanos e indígenas anteriores ao período colonial significa esclarecer que esses indivíduos tinham dinâmicas sociais e culturais próprias, que deve ser respeitado por outras formas culturais. Cruz (2013), afirma que,

A lei 11.645/08 vem trazer para a escola uma série de questões que antes eram silenciadas, ou simplesmente ignoradas pela comunidade escolar. Essa lei é de fundamental importância para que haja um reconhecimento da pluralidade da sociedade brasileira, que foi e é formada por diferentes histórias e culturas, diferenças estas que também se fazem presentes no espaço escolar. (CRUZ, 2013, p.07)

Considerando o exposto, abordar essas questões na realidade escolar de forma prática implica alguns desafios. Inicialmente, a principal dificuldade que é encontrada refere-se ao sentimento de discriminação em relação a esses grupos sociais, profundamente enraizado na sociedade brasileira.

Qualquer grupo social humano elabora e constitui um universo completo de conhecimentos integrados, com fortes ligações com o meio em que vive e se desenvolve. Entendendo cultura como o conjunto de respostas que uma determinada sociedade humana dá às experiências por ela vividas e aos desafios que encontra ao longo do tempo, percebe-se o quanto as diferentes culturas são dinâmicas e estão em contínuo processo de transformação. No entanto, é importante frisar que as variadas culturas das sociedades indígenas modificam-se constantemente e reelaboram-se com o passar do tempo, como a cultura de qualquer outra sociedade humana. (FUNAI, 2013).

Diante disso, as mudanças ocorridas, não fazem com que os indígenas percam a sua identidade étnico-cultural e deixem de ser indígenas. Pode-se perceber que a identidade étnico-cultural do indígena brasileiro foi preservada mesmo em face de todos os processos de globalização vigentes na contemporaneidade.

Portanto, os índios abriram suas fronteiras para a penetração da modernidade e aderiram a novas formas de comunicação e vivência. No entanto, as tradições mantenedoras de sua identidade essencial prevalecem, preservando seus valores como membros de uma sociedade com características culturais próprias. É preciso compreender esse contexto de um povo que existe e que luta por um ideal, conservando suas origens.

2 IMPORTÂNCIA DE VALORIZAR A CULTURA INDÍGENA MUNDURUKU NA ESCOLA

2.1 VALORIZAÇÃO DAS TRADIÇÕES CULTURAIS INDÍGENAS MUNDURUKU.

As transformações culturais vivenciadas pelas comunidades indígenas têm certos impactos e com o passar dos anos pode ser sentido, cada vez mais, nas salas de aula nas escolas de aldeias. Há muito o ensino nas escolas indígenas tem sido foco de discussões sobre a necessidade de uma educação que lide com as especificidades culturais de cada povo.

A relação com os povos indígenas no Brasil foi sempre delicada, marcada pelo desgastante processo civilizatório. No entanto, os movimentos organizados indígenas passaram a atuar de forma mais expressiva a partir da década de 1960 na luta por diversos direitos, incluindo à educação. Foi somente a partir do período de redemocratização do país que houve uma abertura para inserir a pauta da formação básica específica nas escolas da etnia.

A valorização das tradições passou a ser mais frequente, principalmente a partir das organizações políticas e sociais que aconteceram nas últimas décadas para exigir o respeito aos direitos indígenas e a demarcação das terras. Esses processos utilizam os mais velhos, como principais fontes para o resgate cultural das tradições que foram abandonadas e perdidas com o contato com as áreas urbanas.

A partir das diretrizes curriculares diferenciadas das graduações regulares, a Educação Intercultural Indígena é constituída sob dois princípios pedagógicos, como o da interculturalidade e o da transdisciplinaridade. Por isso, o corpo docente é formado por professores de diversas áreas do conhecimento, cada um deles responsável por um comitê nos quais os alunos estão divididos segundo cada povo. Freire (1995) define que,

A qualidade dessa escola deverá ser medida não apenas pela quantidade de conteúdos transmitidos e assimilados, mas igualmente pela solidariedade de classe que tiver construído, pela possibilidade que todos os usuários da escola – incluindo pais e comunidade – tiverem de utilizá-la como um espaço para a elaboração de sua cultura (FREIRE, 1995, p.15).

Neste contexto, ações de valorização de saberes e de práticas culturais tradicionais se apoiam, necessariamente, na escrita e em outras técnicas de registro. E nas aldeias, em fatos relatados oralmente de pais para filhos. Porém atualmente, engajam novos agentes de transmissão, como os indivíduos mais jovens das próprias comunidades, interessados no domínio dessas novas tecnologias.

Assim, é por esse motivo que deve-se considerar, que qualquer inventário do patrimônio cultural imaterial sempre abarca tanto aspectos "novos" quanto "tradicionais". Essa é mais uma razão para valorizar esse patrimônio, que definitivamente não se define como um receptáculo de experiências do passado, mas como um espaço para a interação e o diálogo entre culturas, dos índios e não índios também. Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

Se a capacitação é, sem dúvida, indispensável para que membros de uma comunidade façam registros de seu patrimônio imaterial, essa formação precisa se adequar às demandas locais, que podem estar voltadas para as mais diferentes ou surpreendentes mediações. Tal adequação depende de estratégias mais políticas do que técnicas, fazendo com que a adesão inicial possa se converter num engajamento duradouro da comunidade ou de boa parte dos seus membros, na implementação de todas as etapas do processo de registro e de valorização.

Por este motivo, a participação comunitária não se limita ao acompanhamento ativo das ações, mas à autoria explícita, na seleção, no registro e na documentação dos elementos culturais que se pretende salvaguardar. Os critérios para julgar a "autenticidade" de uma manifestação ou expressão cultural só podem ser definidos no seu contexto local de uso, ou seja, depende das interpretações dos próprios indígenas. Estes têm sua própria cultura e as resguardam como lhes convêm. Mas essa é muito específica, considerando que a Amazônia tem uma grande diversidade cultural.

A participação da comunidade não se limita, portanto, a aprender novas técnicas de documentação. Trata-se de um investimento que mobiliza todos os aspectos de uma cultura, desde os modos de percepção, interpretação, construção e uso. Pois o registro não é uma ação isolada, nem suficiente e seus procedimentos devem ser constantemente negociados para atender demandas renovadas que surgem ao longo das sucessivas etapas de um plano de salvaguarda.. (BRANDÃO, 2010, 107).

Há um profundo respeito, na pedagogia freireana, a identidade cultural do estudante, tanto pela linguagem, pela cor, pelo gênero, classe, orientação sexual ou desenvolvimento cognitivo do outro. Por tudo isso, observa a grandeza e a necessidade do pensar certo, que se instituiu como marca do educador progressista, se trata de desenvolver uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos.

É difícil, não porque pensar certo seja forma própria de santos e anjos e a que nós arrogantemente aspirássemos. “É difícil, entre outras coisas, pela vigilância constante que temos de exercer sobre nós próprios para evitar os simplismos, as facilidades, as incoerências grosseiras”.(FREIRE, 2007, p.49).

Por isso, pensar a formação de professores, neste atual contexto da sociedade multicultural, em que esta em voga, temas como identidade, inclusão, diferença, é preciso retornar ao exemplo pedagógico que teve como ancora a cultura, que aposta numa educação muito mais que um processo de aquisição da leitura e da escrita, mas como instrumento de emancipação, de formação do sujeito histórico.

E atentar que os discursos pedagógicos servem tanto para libertar como para manter as mentes alienadas, defender uma educação que deve exercitar a tolerância às diversas culturas, é uma situação diferente, de exercer uma prática educativa em que toda sua concepção filosófica, pedagógica e metodológica é coerente com sua intenção. Nas manifestações culturais é preciso o respeito e o conhecimento.

Portanto, definir o que é cultura não é uma tarefa simples, especialmente para quem é da etnia indígena. A cultura evoca interesses multidisciplinares, sendo estudada em várias áreas e cada uma delas, é trabalhada a partir de distintos enfoques e usos. Tal realidade concerne ao próprio caráter transversal da cultura, que perpassa diferentes campos da vida cotidiana, dos costumes, tradições, folclore e manifestações de um povo.

2.2 O PROFESSOR A CULTURA DE UM POVO.

A cultura faz parte da vida dos ser humano, mesmo que sejam de etnias diferentes. O homem é criador e propagador da cultura, de forma que a manifesta-

se de diversas maneiras. Candau (2003) afirma que cultura é um fenômeno plural, multiforme que não é estático, mas que está em constante transformação, envolvendo um processo de criar e recriar. Ou seja, a cultura é por sua vez um componente ativo na vida do ser humano e manifesta-se nos atos mais corriqueiros da conduta do indivíduo e, não há indivíduo que não possua cultura, pelo contrário cada um é criador e propagador de cultura.

Condizente à educação o pedagogo é aquele que domina sistemática e intencionalmente as formas de organização do processo de formação cultural que se dá no interior das escolas. Daí a necessidade de um espaço organizado de forma sistemática, com o objetivo de possibilitar o acesso à estas manifestações populares. Este é um profissional que ocupa um amplo espaço na organização do trabalho pedagógico, sendo um articulador na escala de formação cultural, que se dá no interior das instituições de ensino básico e também no superior. Conforme Saviani (1985),

[...] independente da função que ocupe dentro da instituição escolar/acadêmica, atuará com vistas a garantir a efetivação do processo ensino-aprendizagem, levando em consideração que a concretização desse processo se faz pela apropriação do conhecimento. (SAVIANI, 1985, p. 28)

Diante disso, frente à diversidade cultural, política e subjetiva que cada aluno traz consigo, num cenário em que os professores também carregam concepções enraizadas, ao pedagogo compete abrir caminhos para que essas diversidades sejam expostas ao mundo como processos conscientes e como elementos constituintes do ser, os quais não podem ser descartados nas relações humanas.

Neste sentido, Ribeiro (1972) ressalta que, [...] cultura é a herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo co-participado de modos padronizados de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das reações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e se motivam para ação.

O autor citado, converge na ideia de que embora a cultura seja um produto da ação humana ela é regulada pelas instituições de modo que se lapida a mesma ideia a ser manifestada, segundo os interesses ou valores de crenças de

determinado grupo social; e também é uma herança que se resume em um conjunto de saberes que são perpassados através das gerações, saberes estes manifestados e experimentados pelo ancestrais que passam de geração para geração.

Na realidade, embora seja defendida essa aliança entre educação e cultura, não se deve esquecer o professor neste processo, mas ser analisado se este está preparado para lidar com essa multiculturalidade do ambiente escolar em relação ao fato que está em questão, pois a cultura é um processo dinâmico e deve ser trabalhado com muita cautela e sabedoria.

Para Candau (2003, pag. 157) "Será necessário que o docente se disponha e se capacite a reformular o currículo e a prática docente com base nas perspectivas, necessidades e identidades de classes e grupos subalternizados". É correto afirmar que a construção de um novo currículo com base essa multiculturalidade não é uma tarefa fácil para o professor, pois isto requer uma nova postura, novos saberes, novos objetivos, novas estratégias e por certos novos assuntos.

É possível a incorporação da cultura no processo de aprendizagem, mas desde que haja meios, ideias e preparo do corpo docente para lidar com este novo desafio. Freire (1976) chama atenção para o processo educativo proveniente das lutas dos movimentos populares, que se pauta nos saberes vivenciados na prática social. Saberes que são culturais e envolvem o corpo inteiro, ou seja, a consciência e o corpo, a razão e a sensibilidade. Saberes da cultura popular expressa pela oralidade, pelo corpo, pelo olhar, pelos gestos e costumes vivenciados.

Veja que a mão humana é tremendamente cultural. Ela é fazedora, ela é sensibilidade, ela é visibilidade; a mão faz proposta, a mão idealiza, a mão pensa e ajeita. E eu faço ênfase nesses movimentos pelos quais o corpo humano vira corpo consciente. O corpo se transforma em corpo perceptor. E ele descreve, ele anota que, em sua transformação, a vida social está mudando também. O corpo age e, durante suas atitudes, ele desaninha de si e de suas relações o conhecimento sobre a vida [...] O corpo expressa suas descobertas, esse corpo se agrupa em um grupo e se expõe em movimentos sociais. (FREIRE, 1976, p. 34).

O autor rompe a dicotomia, o corpo e o pensamento, razão e emoção, objetividade e subjetividade, compreende o ser humano em sua inteira e completa. A cultura possui caráter transversal, pois perpassa diferentes campos da vida

cotidiana. Além disso, o termo é utilizado em áreas multidisciplinares de conhecimento, o que amplia o leque de possibilidades de compreensão da cultura.

Portanto, vale ressaltar que todo o processo de discussão e de valorização das manifestações culturais populares, exerce uma dimensão na vida da sociedade contemporânea e exige uma atuação efetiva dos poderes públicos através da implantação de órgãos específicos para a gestão cultural nas esferas municipal, estadual e federal e da elaboração e execução dessas políticas públicas, considerando etnias que também têm sua cultura.

2.3 CULTURA INDÍGENA MUNDURUKU E INCLUSÃO CURRICULAR

Atualmente, a cultura passou a ser reconhecida com uma dimensão simbólica, capaz de dar sentido ao mundo, influenciando nos comportamentos e estilos de vida. A contemporânea vê-se constituída de tipos diferenciados de estoques culturais. Assim, ao trabalhar a cultura munduruku, povo de tradição guerreira, que dominaram e preservam sua cultura, percebe-se que a etnia leva a sério suas manifestações e vivências.

Dessa forma cultural, a região do vale do Tapajós, que nos primeiros contatos e durante o século XIX era conhecida como Mundurukânia; tem em suas garras, atualmente, a vontade de garantir a integridade de seu território, ameaçado pelas atividades ilegais dos garimpos de extração de ouro e também pela extração de madeiras, pelos projetos e a construção de uma grande rede de hidrovias no Tapajós, às quais já estão evidentes no distrito de Miritituba. (ALENCAR, 2001)

As escolas indígenas se propõem a ser espaços interculturais, onde se debatem e se constroem conhecimentos e estratégias sociais sobre a situação de contato inter étnico, podem ser conceituadas como escolas de fronteira¹⁵ - espaços públicos em que situações de ensino e aprendizagem estão relacionadas às políticas identitárias e culturais de cada povo indígena. [...] Portanto, a educação escolar indígena problematiza enfaticamente a relação entre sociedade, cultura e escola, reassociando a escola a todas as dimensões da vida social e estabelecendo novos sentidos e funções a partir de interesses e necessidades particulares a cada sociedade indígena. Assim, a escola indígena será específica a cada projeto societário e diferenciada em relação a outras escolas, sejam de outras comunidades indígenas, sejam das escolas não indígenas. (SECAD, 2007, p. 21)

Ao analisar o exposto, o currículo não pode ser concebido fora da interação dialógica entre escola e vida. Assim, no âmbito da formação de professores, precisa contemplar a inserção de temas atuais e desafiadores para a prática pedagógica. E, no contexto escolar, precisa ser pensado coletivamente, visando enfrentar os desafios que a diversidade cultural apresenta, o que reforça a necessidade de uma escola cada vez mais democrática.

Aliás, trabalhar a diversidade significa enfrentar o desafio da diferença e da interação entre as culturas, permitindo a afirmação da identidade dos grupos étnico- raciais que fazem parte da sociedade brasileira. Sobretudo, o ponto de partida do pedagogo será conhecer esta diversidade e as ferramentas teóricas e legais das quais poderá se valer, para que a grade curricular seja proposta como um campo de possibilidades e não como reprodução de saberes impostos por ideologias dominantes. A cultura da Amazônia é ampla e precisa ser trabalhada e repensada ao trabalhar no ambiente escolar

Dessa forma, a inclusão do legado indígena e africano nos currículos escolares e acadêmicos abre caminho à valorização da história e cultura desses povos, mas também mostra os currículos como objetos que autorizam ou desautorizam determinados discursos, podendo ser usados tanto para dar acesso a conhecimentos legitimados como para a produção de sujeitos, ou seja, para a produção de modos de pensar, agir e atuar no cenário atual. Como enfatiza Silva (2009) sobre o currículo:

(...) autoriza ou desautoriza, legitima ou deslegitima, inclui ou exclui. E nesse processo somos produzidos como sujeitos; (...) o currículo, ao lado de muitos outros discursos, nos faz ser o que somos. Por isso, o currículo é muito mais que uma questão cognitiva, é muito mais que construção de conhecimento, no sentido psicológico. O currículo é a construção de nós mesmos como sujeitos. (SILVA, 2009, p. 196)

Diante de Silva (2009) para além de concepções teóricas, pensar em currículo escolar implica pensar no conjunto de ações definidas pelas Secretarias da Educação Estaduais e Municipais para a concretização das políticas educacionais, visando atender aos desafios do mundo contemporâneo e transmitir os saberes necessários à inserção social. Implica, portanto, educar para além da formação de competências para o mercado de trabalho, projetando e promovendo aprendizagens diversificadas.

Neste sentido, os conteúdos curriculares devem ser abordados e articulados com produções socioculturais, fenômenos naturais e a realidade dos diferentes sujeitos. Significa democratizar o acesso ao patrimônio cultural, mas também ver e fazer ver como foi se constituindo a história do nosso presente. Implica, em transformar a escola num espaço de formação crítica, de conscientização e não alienação que permita a articulação das diferenças.

No que se refere à legalidade, a Constituição Federal de 1988 define que a educação é direito de todos e dever do estado e da família, e que será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. A educação é o meio de garantia dos demais direitos civis, políticos e sociais, assim, o cidadão está apto a exercer o seus direitos. Direitos, estes, garantidos também na Lei de Diretrizes e Bases (LDB - Lei 9.394/96) e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990).

Mediante isso, ao longo dos últimos anos, além de trabalhar-se muito a questão étnica cultural, tem-se falado em inclusão educacional e, nesse âmbito, ampliam-se as discussões no que se refere à criação de políticas de inclusão de afrodescendentes e indígenas nas escolas e universidades. Porém, o que se percebe é uma busca reiterada em identificar e disponibilizar modos de acesso à educação básica e superior aos remanescentes destes grupos, dentre os quais pode-se destacar o sistema de cotas, que destina um percentual das vagas ofertadas em instituições de ensino superior aos descendentes destas etnias.

Para Murta (2004), dentro dos pressupostos de uma sociedade inclusiva está prevista a garantia do direito coletivo de exercício da cidadania indiferentemente de gênero, origem socioeconômica, escolaridade, opção sexual, religião, cor, idade, raça e deficiência. Ou seja, a inclusão pressupõe a aceitação das diferenças, a valorização de cada pessoa e a convivência dentro da diversidade humana e cultural.

O combate ao preconceito passa pela educação e exige repensar o currículo como caminho para a promoção de uma educação cultural inclusiva, pressupondo a necessidade de planejá-lo coletivamente e de propor conteúdos e modos de abordagem que contemplem a valorização das diferenças. À escola, como aparelho ideológico, compete atuar com vistas à eliminação de qualquer tipo de preconceito e essa missão é de todos os envolvidos no processo educacional.

No entanto, cabe ao pedagogo propor estratégias com vistas à promoção do diálogo entre os profissionais da educação, convocando-os, sensibilizando-os e preparando-os para o trabalho com vistas ao reconhecimento e valorização das diferenças.

Na realidade, a identificação de estratégias para a efetivação da inclusão das temáticas recomendadas pela Lei 11.645/2008, o pedagogo deverá ter clareza da importância deste conteúdo para a formação dos indivíduos, pois o conhecimento leva ao entendimento, ao respeito e aceitação não apenas das diferenças, mas das contribuições das diversas culturas oriundas das várias matrizes culturais presentes na sociedade brasileira.

Neste contexto, pensar a formação de professores é reconhecer que o processo de seleção, organização e avaliação dos conhecimentos não é uma tarefa neutra; mas ao contrário, é uma forma de regulação e controle social, que seleciona, classifica, exclui através de uma linguagem que omite o que deve ser omitido. Sendo assim, indispensável que os professores transformem suas práticas cotidianas em objeto de investigação, reflexão e criação do conhecimento.

Mediante a situação, uma dessas ideias é o reconhecimento da multietnicidade e da pluralidade. No Brasil contemporâneo existem mais de 225 povos indígenas que, segundo o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI), cultural e linguisticamente representam uma magnífica,

[...] soma de experiências históricas e sociais diversificadas, de elaborados saberes e criações, de arte, de música, de conhecimentos, de filosóficas originais, construídos ao longo de milênios pela pesquisa, reflexão, criatividade, inteligência e sensibilidade de seus membros. (...) Sua variedade e sua originalidade são um patrimônio importante não apenas para eles próprios e para o Brasil, mas, de fato, para toda a humanidade (BRASIL. MEC, 2005)

Diante disso, é relevante compreender a diversidade implícita na pluralidade étnica para a formulação de políticas e ações adequadas às realidades e perspectivas de cada povo indígena. Ao se colocar em evidência a história e cultura indígena e afro-brasileira como objeto de estudo a ser incorporado no currículo da Educação Básica e Superior, parte-se de uma realidade na qual muito se tem a fazer no sentido da promoção de debates e pesquisas que ultrapassem as fronteiras do saber, permitindo um olhar curioso, crítico.

É algo questionador na educação da etnia indígena, que permite ver para além daquilo que, historicamente, foi apresentado como verdade inquestionável. Nesse sentido, o papel do pedagogo não se reduz a fazer cumprir projetos políticos pedagógicos, a promover processos de formação, a orientar e supervisionar atividades escolares, a diagnosticar necessidades e criar estratégias que contribuam para a inserção social dos sujeitos. É algo mais intenso que busca intencionalmente a subjetividade humana.

Na verdade, uma escola, cujo professor que busca atender a todos os alunos, necessita que esse profissional, coordenando o trabalho coletivo da instituição, facilite e conduza, junto aos profissionais e à comunidade escolar, práticas que respeitem e valorizem a diversidade, na qual estão inscritas as histórias e culturas que compõe o presente e não apenas aquelas que remontam a supremacia de uns em relação a outros. A cultura é vivida e não imposta, é manifestação de um povo. E a Amazônica, requer um olhar especial para a sua especificidade.

2.4 A ESCOLA E AS TRADIÇÕES CULTURAIS

A escola é defendida como uma entidade socializadora que deve incorporar as diversas culturas, afim de que haja um ambiente sociável onde todos possam manifestar seus ideais sem medo de serem tachados como antiéticos e serem discriminados pelas manifestações que estes preservam ou pertencem.

A cultura de um povo é formada por vários elementos, como crenças, ideias, mitos, valores, danças, festas populares, alimentação, modo de se vestir, entre outros fatores. É uma característica muito importante de uma comunidade, pois é transmitida de geração em geração e demonstra aspectos locais de uma população.

O direito a uma Educação Escolar Indígena - caracterizada pela afirmação das identidades étnicas, pela recuperação das memórias históricas, pela valorização das línguas e conhecimentos dos povos indígenas e pela revitalizada associação entre escola/sociedade/identidade, em conformidade aos projetos societários definidos autonomamente por cada povo indígena - foi uma conquista das lutas empreendidas pelos povos indígenas e seus aliados, e um importante passo em direção da democratização das relações sociais no país. Os educadores consideram a cultura como aliada no processo de aprendizagem? (SECAD, 2007, p. 09)

A cultura sem dúvida, precisa e deve estar presente no ambiente escolar, pois ela também faz parte do processo de ensino aprendizagem, que nutre, socializa e fornece ideias para um aprendizado, mais eficiente. A cultura tem a possibilidade de criar formas especiais de comportamento, muda o funcionamento da mente, constrói novos conceitos no sistema de desenvolvimento do comportamento humano. Por isso é necessária e interessante

Conforme Candau (2003), "[...] Para toda ação docente multiculturalmente orientada, que enfrente os desafios provocados pela diversidade cultural na sociedade e nas salas de aulas, requer uma postura que supere o "daltonismo cultural" usualmente presente nas escolas, responsável pela desconsideração do "arco-íris de culturas" com que se precisa trabalhar. Requer uma perspectiva que valorize e leve em conta a riqueza decorrente da existência de diferentes culturas no espaço escolar.

Assim, para que haja uma parceria entre a cultura e a educação faz-se necessário deixar de lado alguns estereótipos ainda vagando na mente de alguns educadores e alunos, na qual legitimam como cultura apenas as festa popularmente conhecidas e datas comemorativas tradicionais, urge a necessidade de se olhar as demais culturas como uma fonte de riqueza que pode auxiliar no processo de ensino – aprendizagem.

Diante disso, para que haja essa integração entre a cultura e educação faz-se necessário a criação de novas metodologias para que o professor possa trabalhar de forma adequada. Ainda surge a necessidade de investir na formação do professor, onde a maioria dos professores reconhece a necessidade de obter um formação adequada para que este possam trabalhar as temáticas proposta de forma proveitosa.

Assegura-se que a cultura e especificamente a Amazônica, é o elemento essencial no processo de ensino-aprendizagem que a escola deve incorporar em seu contexto e, portanto esta deve ser inserida nos currículos escolares, nos projetos e outras atividades pedagógicas, para que haja a socialização do discente e docente e que as demais culturas também possam ter seu espaço no ambiente escolar e ser vivida de acordo com a realidade e com a situação contextual dos alunos para que faça sentido a cada um de maneira muito particular. Segundo Freire (2004:23):

Quando a escola foi implantada em área indígena, as línguas, a tradição oral, o saber e a arte dos povos indígenas foram discriminados e excluídos da sala de aula. A função da escola era fazer com que estudantes indígenas desaprendessem suas culturas e deixassem de ser indivíduos indígenas. Historicamente, a escola pode ter sido o instrumento de execução de uma política que contribuiu para a extinção de mais de mil línguas. (FREIRE, 2004, p. 23)

A Língua Geral, uma adaptação de várias línguas indígenas feita pelos missionários, era ensinada para indígenas de diferentes comunidades, com costumes e línguas variadas, que viviam nesses aldeamentos. Para se fazerem entender pelos jesuítas, pelos demais índios da aldeia e pelos colonos, os índios cristãos viam-se obrigados a aprender essa nova língua, que passou a servir também para a aprendizagem do idioma português.

Assim, aborda-se esse tema de extrema importância e deve ser trabalhado em sala de aula, pois os alunos devem ter conhecimento da diversidade cultural do país e da Cultura da Amazônia, por ser mais ampla do que a local, saberem a origem de festas folclóricas, culinária, crenças e todos os tipos de manifestações culturais, fortalecendo ainda mais o processo de valorização dos costumes locais, contrapondo a tentativa de unificação de uma cultura de massa imposta pelos meios de comunicação.

[...] o saber local resvala pelas rachaduras da fragmentação. É eclipsado com o mundo ao qual está ligado. Desse modo, o saber científico dominante cria uma monocultura mental ao fazer desaparecer o espaço das alternativas locais, de forma muito semelhante à das monoculturas de variedades de plantas importadas[...]de forma muito semelhante à introdução de monoculturas, que destroem as próprias condições de existência de diversas espécies. (SHIVA, 2004, p.25)

Neste sentido, ao abordar a pluralidade cultural do Brasil, o professor deve promover no aluno o sentimento de valorização cultural do país, além do reconhecimento e respeito das diferentes culturas, mostrando que não existe uma melhor ou mais desenvolvida que a outra. Deve-se esclarecer o conceito de cultura e citar os principais elementos que configuram esta, de um determinado local. É preciso que questione os alunos sobre os aspectos culturais do Brasil e os principais povos responsáveis pela disseminação cultural.

A cultura tem um importante papel no processo de aprendizagem, pois ela permite não só a socialização, mas discussão de diferentes saberes no ambiente escolar, através do conteúdo cultural pode-se exemplificar vários temas, nas diferentes disciplinas do currículo escolar. O ensino cultural tem esse poder de integrar os diferentes saberes e levá-los a discussão em sala de aula, mas para que isso ocorra faz-se necessário a capacitação do professor para que este possa ter um novo olhar sobre a cultura na sala de aula e trabalhar sem esquecer a realidade dos alunos.

Sabe-se que é papel da escola socializar o conhecimento, mas também é dever desta atentar para as manifestações culturais como uma forma de ensinar e socializar os educandos. Compreende-se a cultura como um elemento que nutre o processo de ensino aprendizagem, pois ela fornece vários meios a ser discutidos em sala de aula. Para melhorar faz-se necessário desfazer o caráter excludente de algumas escolas e do currículo tradicional, que reproduzem as desigualdades sociais ao trabalhar com padrões culturais distantes das realidades dos alunos.

[...] enquanto a ação cultural para a libertação se caracteriza pelo diálogo, 'somo selo' do ato de conhecimento, a ação cultural para a domesticação procura embotar as consciências. A primeira problematiza; a segunda "sloganiza". Desta forma, o fundamental na primeira modalidade de ação cultural, no próprio processo de organização das classes dominadas, é possibilitar a estas a compreensão crítica da verdade de sua realidade. Freire concebeu a educação como uma necessidade ontológica do ser, pelo ser mais. É no processo de relação do ser inacabado com o mundo natural que emerge o aprendizado, a educação e a cultura. (FREIRE, 1976, p.81)

Neste aspecto, quando trata-se de cultura e educação, pode-se dizer que são estes fenômenos intrinsecamente ligados, a cultura e a educação, juntas tornam-se elementos socializadores, capazes de modificar a forma de pensar dos educandos e dos educadores. Quando adota-se a cultura como uma aliada no processo de ensino-aprendizagem está-se permitindo que cada indivíduo que frequenta o ambiente escolar se sinta participante do processo educacional, pois ele nota que seu modo muitas vezes não é mais visto como antiético ou imoral; mas sim, uma forma de este se socializar com os demais colegas e com grupos a qual socializa-se.

Conforme Candau (2003, pag.160) afirma: "A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. De um lado está a educação e do outro a ideia de cultura como

lugar, a fonte de que se nutre o processo educacional para formar pessoas, para formar consciência". Todavia a cultura tem um importante papel no processo de aprendizagem, pois é ela é que nutre todo processo educacional, na missão de formar indivíduo crítico e conhecedor de sua origem cultural, daí a necessidade de se discutir as culturas diversas na sala de aula.

Embora a escola seja palco dessas multiculturalidade ela vem encontrando várias dificuldades em interagir suas práticas educativas mais comuns com a diversidade cultural vivenciada pelos alunos, isso por que os conteúdos selecionados e trabalhados pela escola não tem nenhuma relação com o universo cultural ou com essa multiculturalidade vivenciada pelos educandos. Na verdade, a cultura que os alunos conhecem são apenas os folclores ou seja a cultura chamada tradicional, não se discute, a cultura existe na sala de aula, apenas dá-se ênfase aquelas distantes da realidade do aluno

Pode-se afirmar que a inclusão de currículo multicultural no ambiente escolar, não só possibilita o conhecimento de outras culturas, mas também auxilia no processo de ensino-aprendizagem na medida em que os professores utilizem da cultura dos alunos em suas aulas e em projetos da escola.

Quando há essa interação e interesse do professor em conhecer e por certo valorizar as demais culturas ocorre o processo de socialização, onde cada cultura passa a ser entendida e vista, não mas com um olhar pejorativo, proporcionando a partir daí um ambiente escolar, mas agradável e por certo uma nova perspectiva na forma de aprender e conceber o que se vive com sabedoria e conhecimento da realidade.

Vale nesta linha de continuidade a incorporação da dimensão antropológica da cultura, aquela que, levada às últimas conseqüências, tem em vista a formação global do indivíduo, a valorização dos seus modos de viver, pensar e fruir, de suas manifestações simbólicas e materiais, e que busca, ao mesmo tempo, ampliar seu repertório de informação cultural, enriquecendo e alargando sua capacidade de agir sobre o mundo. O essencial é a qualidade de vida e a cidadania, tendo a população como foco (BOTELHO, 2001, p.110).

Assim, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois polos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados. Entretanto, as práticas multiculturalistas em educação irão favorecer a distribuição do patrimônio cultural. Para tanto, exige-se uma educação crítica capaz de desafiar as formas

hegemônicas e centralizadoras de capital cultural. É preciso uma educação capaz de criar situações em que a realização educacional de grupos étnicos. Neste aspecto, a educação deve articular-se com a cultura e a própria cultura produzirá a educação.

Diante disso, a escola assume caráter de comunidade, ao dialogar com as experiências culturais, geográficas, sociais, étnicas e de gênero, como sujeitos ativos do processo de ensino e aprendizagem, respeitando suas subjetividades e seu desenvolvimento intelectual. A convivência com a pluralidade, com a diferença, o exercício da alteridade, da tolerância e do respeito, no processo de aprendizagem tem gerado grandes desafios no campo educacional. E isso precisa ser tratado de forma mais humana.

3 VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA MUNDURUKU NAS ESCOLAS: PERCEPÇÃO DE PROFESSORES NA EMEIEF KARO BEMPÔ NA ALDEIA KATÔ, EM JACAREACANGA- PARÁ

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A EMEIEF Karo Bempô foi fundada pela Lei de 19 de Dezembro de 1973, do Título V art. 47, 48, 49, 50, 52, sancionado pelo então presidente da República Emílio Garrastazu Médici. Funcionava com a pré-escola e MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização).

Atualmente a escola tem 3 salas de aula, sala de professores, secretaria, cozinha, biblioteca, 2 banheiros (feminino e masculino). Não tem a sala de diretoria e almoxarifado. Sua estrutura é de 80m x 40m

Os Recursos Humanos consistem em um diretor, um secretário, 2 coordenadoras pedagógicas, 4 merendeiras, 3 serventes, 4 professores do Ensino Infantil, 9 professores do Ensino Fundamental Inicial, 10 professores do fundamental Final e 3 vigias e funciona com 332 alunos, incluindo duas escolas anexas.

A filosofia da escola é respeitar a cultura tradicional, considerando o processo de aprendizagem própria do seu povo, formando alunos para tornarem-se cidadãos críticos, provedores do conhecimento.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos para a produção do trabalho, na A EMEIEF Karo Bempô foi fundada pela Lei de 19 de Dezembro de 1973, do Título V art. 47, 48, 49, 50, 52, sancionado pelo então presidente da República Emílio Garrastazu Médici. Funcionava com a pré-escola e MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização).

Atualmente a escola tem 3 salas de aula, sala de professores, secretaria, cozinha, biblioteca, 2 banheiros (feminino e masculino). Não tem a sala de diretoria e almoxarifado. Sua estrutura é de 80m x 40m.

Os Recursos Humanos consistem em um diretor, um secretário, 2 coordenadoras pedagógicas, 4 merendeiras, 3 serventes, 4 professores do Ensino

Infantil, 9 professores do Ensino Fundamental Inicial, 10 professores do fundamental Final e 3 vigias e funciona com 332 alunos, incluindo duas escola anexas.

A filosofia da escola é respeitar a cultura tradicional, considerando o processo de aprendizagem própria do seu povo, formando alunos para tornarem-se cidadãos críticos, provedores do conhecimento.

Ocorrem a partir de uma pesquisa bibliográfica com teóricos específicos como (BRANDÃO, 2002); (FREIRE, 1995); (GONÇALVES, 2005); (HENZ, 2010); (NAUÉS, 1999), dentre outros que foram pesquisados, para embasamento teórico de toda a atividade. Também ocorreu uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo, com professores da escola investigada, através de entrevistas com questionários individuais.

Esta pesquisa com a abordagem qualitativa, ocorreu em Outubro de 2022, intencionou refletir sobre o ensino da Cultura indígena, metodologias dos professores com o trabalho da cultura e suas manifestações em sala de aula. Também pretendeu-se averiguar a forma em que a cultura indígena é trabalhada na escola; Verificar as metodologias do ensino da cultura dos povos indígenas no ambiente escolar; Identificar manifestações culturais na escola, além de compreender a necessidade da valorização de atividades culturais indígenas no ambiente escolar.

As questões norteadoras deste trabalho foram: A escola trabalha as diversidades culturais? A cultura indígena é mencionada no currículo educacional indígena? Que tipos de manifestações culturais indígenas são trabalhados e estão presentes na escola?

O presente estudo também teve coleta e análises dos dados por meio de questionário elaborados para as entrevistas aos professores investigados, com discussão sobre as respostas dos mesmos, propostas para contribuição sobre o ensino, a conclusão.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Para este trabalho foram entrevistados três professores do sexo masculino que trabalham na escola. São todos formados, dois pedagogos com 28 e 29 anos e um letrado com 33 anos de idade. Todos são muito competentes, já trabalharam em outras escolas e estão nesta de 3 a 6 anos de docência.

3.4 ANÁLISE DA PEQUISA COM OS PROFESSORES

Atualmente, prima-se por uma educação que considere e respeite a diversidade, que assenta-se na efetivação de um currículo capaz de promover mudanças substanciais nas relações que se estabelecem entre os diferentes sem, contudo, deixar de considerar os fatores que promovem as desigualdades promovendo a superação das diferenças que estão presentes nas relações sociais.

Neste sentido, é necessária a formação de professores da escola indígena, para trabalhar a Cultura da Amazônia de forma mais ampla, consistindo em gerar práticas interculturais criativas até fascinantes.

E a construção de materiais pedagógicos na perspectiva do multiculturalismo dos povos indígenas requer uma relação didática interativa que seja capaz de promover uma superação dos valores culturais. As mídias didáticas com o uso das tecnologias tem que promover concepções e práticas pedagógicas transformadoras que permeiem a diversidade cultural da Amazônia, cujo conteúdo é intenso e diverso, para a etnia indígena que tem sua própria cultura também. Portanto, a investigação iniciou com a questão sobre o significado de cultura.

Quadro 1- Para você, o que é cultura? **Fonte:** Professores da EMEIEF Karo Bempõ na Aldeia Katô, em Jacareacanga- Pará/2020

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	É o que se faz no decorrer da sua vida. E o que povo faz também e tem costumes de fazer.
P2	A cultura é a vida do povo, seus costumes e tradições. A nossa aldeia tem sua cultura. Tem Seus costumes. Tem o modo de viver só nosso.
P3	Todo povo tem cultura. É os costumes de fazer as coisas, que repassa para filhos e netos e bisnetos. Por meio da cultura que as pessoas se manifestam e tem diversas formas de mostrar as tradições. Cada povo tem a sua.

Para os entrevistados, a cultura é a vivência, tradição, manifestação de um povo e cultura da vida de povo. É tudo o que os mais velhos repassa para os filho e netos e assim por diante. É por meio dela, que as pessoas manifestam-se por diversas formas de apresentar suas tradições, pois cada povo tem a sua.

Neste sentido, a Cultura é um conceito amplo que representa o conjunto de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social. Ela é repassada

através da comunicação ou imitação às gerações seguintes, por meio dos mais antigos.

Dessa forma, a cultura representa o patrimônio social de um grupo sendo a soma de padrões dos comportamentos humanos e que envolve: conhecimentos, experiências, atitudes, valores, crenças, religião, língua, hierarquia, relações espaciais, noção de tempo, conceitos de universo com a sabedoria popular. Além disso, está intimamente relacionada com as tradições e os saberes, os quais são determinados pelo povo, como as festas, o folclore, o artesanato, as músicas, comidas, bebidas e demais costumes do povo.

A cultura também pode ser definida como o comportamento por meio da aprendizagem social. Essa dinâmica faz dela uma poderosa ferramenta para a sobrevivência humana.

Mas ao falar- se da cultura brasileira, a formação étnica do povo brasileiro, é vasta e diversa. Os hábitos culturais receberam elementos e influências de povos indígenas, africanos, portugueses, espanhóis, italianos e japoneses, entre outros, devido à colonização, à imigração e aos povos que já habitavam aqui, como os indígenas. Prossequindo a investigação, a questão sobre a preservação das tradições populares pela comunidade.

Quadro 2 - A comunidade preserva as tradições do povo? Como? **Fonte:** Professores EMEIEF Karo Bempõ na Aldeia Katô, em Jacareacanga- Pará/2022

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Sim. Sempre trabalhando e ensinando aos filhos.
P2	Preserva sim, também exigindo que se trabalhe na escola para as crianças nunca esquecerem.
P3	Trabalha sim. Demonstra através de experiências vividas e repassadas.

Quando perguntou- se se a comunidade preserva as tradições do povo, os entrevistados responderam que sim, através de ensinamentos aos filhos, exigindo que a escola trabalhe e também em seu currículo diversificado de adaptado, como também, trabalhando e repassando experiências vividas.

A diversidade de hábitos e costumes morais também se deu por conta dos regionalismos que foram surgindo ao longo do tempo. Por possuir um território de proporções continentais, o Brasil viu, ao longo de sua história, o desenvolvimento

de diferentes vertentes culturais, devido às diferenças geográficas que separam o território e o povo com suas riquezas em seus costumes.

A vastidão cultural brasileira e especificamente da Amazônia, deve-se em primeiro lugar, ao fato de que vários povos migraram para o país em fluxos variados e, em segundo lugar, pelas grandes dimensões territoriais brasileiras, que caracterizam como um país de proporção continental que possui condições climáticas e geográficas diferentes entre si. A próxima questão aborda as tradições e a preservação pela comunidade.

Quadro 3- Cite tradições culturais da comunidade **Fonte:** Professores da EMEIEF Karo Bempõ na Aldeia Katô, em Jacareacanga- Pará/2022

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	São várias. A caçada e a pesca. As brincadeiras do nosso povo, outras tradicionais em eventos cívicos.
P2	A comunidade está presente nas manifestações que faz parte delas. Músicas, comidas e bebidas indígenas, que não se pode esquecer.
P3	É a vida e a vivência do povo que está presente na vida comunitária. A colheita, a plantação, a preservação da natureza, dos rios, da mata, dos animais, a luta incessante pela preservação da vida é a nossa cultura

De acordo com os professores entrevistados, as tradições culturais da comunidade indígena Munduruku tem suas tradições ainda bem vivas. Consiste em várias atividades de preservação à natureza de onde tiram seus sustentos e preservam suas vidas que é cultura. Mencionaram a plantação e colheita, a conservação das matas, rios, animais, e demais tradições em eventos cívicos também.

O Brasil é um país rico em diversidade cultural. Pode-se dizer que um fator determinante para este fato é a forma com que foi colonizado onde predominou a mistura de raças e etnias. Dessa mistura surgiram ritmos únicos que são apreciados em todo o planeta. É importante para o indivíduo conhecer as raízes da história de seu país e conseqüentemente as suas.

Há sempre tradições presentes nas regiões o frevo, maracatu, coco, bumba-meu-boi, entre outros. No sul também tem seus manifestos populares e no norte, contemplando Região Amazônica, tem também suas diversidades com folclores e manifestações que são atrações nacionais com o Boi Bumbá de Paritins,

o Sairé em Ater do Chão em Santarém, dentre outras, resultado das invenções humanas.

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções (LARAIA, 1986, p. 46)

A cultura trazida pelos alunos de casa possui um repertório riquíssimo, por ter sido repassada pelos pais, com toda a sua sabedoria, como superstições, mitos, contos, estórias, cantigas e brincadeiras de rodas, versos e pronto para ser utilizado pela escola, que deve manter-se atenta para garantir a sua comunidade mecanismos de participação nos processos de construção das propostas curriculares.

Essas ações fomentam o que realmente pode dar sentido à comunidade em geral frequentar a escola. Isso por consequência, pode criar futuras gerações com uma visão bem mais ampla do que deve e pode ser realizado dentro da escola e como a participação e o reconhecimento de cada pessoa como indivíduo único, porém, participante de uma grande estrutura faz a diferença de forma especial com sabedoria. Continuando a entrevista, procurou-se saber se a escola trabalha as diversidades culturais.

Quadro 4- A escola trabalha as diversidades culturais indígenas? De que forma? **Fonte:** Professores da EMEIEF Karo Bempô na Aldeia Katô, em Jacareacanga- Pará/2020

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Trabalha sim. Os professores trabalham coma escola e a comunidade as tradições do povo.
P2	Sim. Através de danças, jogos, disputas, e tudo o que se faz presente na vivência do nosso povo.
P3	Os professores trabalham inserindo a comunidade em eventos culturais na escola.

Ao tratar-se das diversidades culturais trabalhadas na escola, os interrogados responderam que sim, que trabalham as tradições junto à comunidade, que fazem parte do contexto. Essas manifestações são trabalhadas por meio de danças, disputas, jogos e demais eventos culturais. Dessa maneira,

percebe-se que os professores trabalham a diversidade e manifestações culturais no ambiente escolar, juntando o útil ao agradável para preservar as tradições do povo Munduruku.

A escola deve tornar-se ambiente da presença de todos, isto é, deve conter a essência de cada um dos integrantes da comunidade que a compõe. Cada um na representação de sua comunidade cultural deve sentir-se participante dos processos realizados. Como espaço de convivência de diversidades, torna-se o local ideal para a apresentação dessas aos sujeitos, bem como a valorização de cada um deles dentro de sua especificidade cultural. Corrêa (2008) ressalta que,

Com efeito, a cultura escolar precisa então saber incorporar novos saberes à sua cultura, a qual se entende ser composta por uma complexidade geral e outra específica. Da primeira, fazem parte práticas, saberes, normas, materiais, comportamentos e, vinculados a estes, modos de ser, de pensar, valores, a organização e a dinâmica interna da escola, rituais, a arquitetura que, além do aspecto estético, dimensiona o uso dos espaços pelos alunos e professores. Da segunda, fazem parte os saberes oriundos das disciplinas ou os conhecimentos que devem ser ensinados pelos professores, os quais também possuem saberes vinculados estritamente ao campo pedagógico e que orientam e dinamizam esse fazer. Por outro lado, os docentes também estão de posse de saberes próprios às suas áreas de conhecimento que se interrelacionam com outros de caráter profissional e socialmente construídos. (CORRÊA, 2008, p. 129 – 130).

De acordo com o autor, há grandes possibilidades de trabalhar e enriquecer a cultura dentro da escola. De apresentar o lado bom, divertido e mágico da sabedoria e tradição popular. Amplia-se o alcance do que pode ser trabalhado no ambiente escolar, enquanto conhecimento em todos os seus aspectos humanos. Traz para dentro deste ambiente a realidade da comunidade, os aspectos pontuais que precisam ser discutidos neste local. Isso inclui toda a gama de assuntos que fazem parte do dia-a-dia dos alunos: a diversidade em todos os seus aspectos.

Um ponto central, de toda a abordagem e respeito que a diversidade cultural da Amazônia deve ter na escola, passa pela inclusão efetiva dessa temática no currículo. A presença do tema não deve ocorrer simplesmente como um tópico a ser trabalhado em determinado período, mas como postura de trabalho e proposta de vivências diárias em todo o ambiente escolar. A questão a seguir é se a cultura indígena está mencionada no currículo escolar.

Quadro 5 - A cultura indígena é mencionada no currículo educacional indígena? Justifique sua resposta. **Fonte:** Professores da EMEIEF Karo Bempõ na Aldeia Katô, em Jacareacanga- Pará 2020

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Não. É trabalhada por necessidade e matéria diversificada que é inserida no currículo, para não esquecer e ser preservada por ser precioso.
P2	Precisa ser feito pelos professores e comunidade escolar
P3	É natural que já se trabalha as manifestações do nosso povo Munduruku na escola. Pois é na escola que deve ser feito para que as crianças aprendam mais o que os pais ensinam em casa.

Os entrevistados afirmam que no currículo escolar não está incluso a cultura indígena Munduruku; as é trabalhada a fim de não se perder no tempo o que de mais precioso a etnia preserva. Além disso, é reforço dos que os pais ensinam aos filhos em casa.

De acordo com os entrevistados, a cultura Munduruku não está inserida como disciplina específica no currículo escolar; mas é trabalhada a fim de aperfeiçoar os saberes repassados pelos pais em casa. E isso é preciso ser feito já que na escola se concretize os ensinamentos sobre esses saberes necessário à etnia.

O ambiente escolar mostra-se rico na variedade de sujeitos e suas origens. É o local ideal para pontuarmos um trabalho que aborde a riqueza do repertório cultural popular, sabedoria que origina-se no seio do imaginário popular e espelha todas as suas expectativas, sua visão de mundo e conhecimento sobre o funcionamento e origem de tudo aquilo que é conhecido, e até desconhecido.

[...] é fundamental que a escola tenha conhecimento substancial da comunidade com a qual trabalha. O cenário cultural brasileiro abriga uma diversidade imensa de características que criam culturas específicas. Isso exige do profissional: “o domínio de saberes que o permita aprendê-la em seu labor cotidiano.” (CORRÊA, 2008, p.102).

É certo afirmar que a construção de um novo currículo com base essa multiculturalidade não será tarefa fácil para o professor, pois isto requiere uma nova postura, novos saberes, objetivos, novas estratégias e por certos novos assuntos.

A cultura popular precisa ser resgatada dentro das escolas. As etapas a serem trabalhadas vislumbraram aspectos importantes no sentido de busca de

informações do aluno dentro de sua família, o que demonstra de conhecimentos trazidos de casa, o saber popular que a criança conhece, para acontecer a valorização primordial da cultura popular no currículo da escola indígena.

A diversidade cultural refere-se aos diferentes costumes de uma sociedade, entre os quais podemos está a vestimenta, culinária, manifestações religiosas, tradições, entre outros aspectos. O conhecimento da cultura local reforça a valorização bem como o incentivo ao desenvolvimento da região. Para a escola, deve-se levar em questão, que a cultura popular sofre alterações que contemplam os aspectos econômicos, administrativos, educativos, sociais e étnicos. Às seguir, a pergunta sobre manifestações culturais trabalhadas e presentes na escola

Quadro 6- As manifestações culturais consistem na vivência e tradições do povo. Que tipos de manifestações culturais indígenas são trabalhadas e estão presentes na escola? **Fonte:** Professores da EMEIEF Karo Bempõ na Aldeia Katô, em Jacareacanga- Pará /2020

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	São várias, no que tange à vida de um povo, aos costumes que esse povo vive e relembra. Sendo bem interessante o plantio e a colheita.
P2	O estudo, o ensino dos pais, danças, cantos brincadeiras, corridas, caçadas e pescas.
P3	Das danças até a alimentação, faz parte da cultura munduruku.

Os professores investigados responderam que as manifestações culturais presentes e trabalhadas na escola consistem em danças, cantos, brincadeiras, corridas tradicionais, caçadas, pescas, com variedades da vida do povo, enfatizando o plantio e a colheita.

Na realidade, mais do que uma característica essencial de uma sociedade, a cultura pode ser considerada como o elemento principal que difere de povos ou de uma nação de outra. Os costumes, a música, a arte e, principalmente, o modo de pensar e agir, fazem parte da cultura de um povo e devem ser preservados para que nunca se perca a singularidade do coletivo em questão.

A palavra cultura deriva do latim, colere, que tem como significado literal “cultivar”. Partindo desse princípio, percebemos que se trata de uma herança acumulada ao longo dos anos, e que deve ser preservada.

Cada pessoa pertencente a uma determinada nação agrega valores culturais, os quais a levarão a fazer ou expressar-se de forma específica. Esse

mecanismo de adaptação é um dos principais elementos da cultura, e torna-se ainda mais importante quando se alia ao fator cumulativo. As modificações que se desenvolveram e que foram trazidas por uma geração passam para a geração seguinte e se implementam ao melhorar aspectos para futuras gerações. E na nação dos mundurucus isso não é diferente. A escola precisa trabalhar para que torne-se bem mais interessante.

Por ser um agente forte de identificação pessoal e social, a cultura de um povo se caracteriza como um modelo comportamental, integrando segmentos sociais e gerações à medida que o indivíduo se realiza como pessoa e expande suas potencialidades. Entretanto, é necessário lembrar que essa percepção individual tem grande influência por parte do grupo ou do povo.

Neste aspecto, Darcy Ribeiro (1972): afirma que, a cultura é a herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo co-participado de modos padronizados de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das reações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e se motivam para ação.

Diante disso, o homem é a fonte de criação popular para a vida em sociedade e o folclore estuda essas soluções. Não apenas contos e cantos, mas a maquinaria faz nascer hábitos, costumes, gestos, superstições, alimentação, tradições e manifestações e características.

Enfim, família, em grande parte, o que aprendemos com nossos ancestrais. A educação, o respeito ao próximo e o caráter herdamos dos nossos antepassados. Um país é uma grande família. Tem seus costumes próprios, sua formação popular que sobrepuja qualquer reação isolada.

Quadro 7- Por que é preciso trabalhar a cultura e as tradições no contexto escolar? **Fonte:** Professores da EMEIEF Karo Bempõ na Aldeia Katô, em Jacareacanga- Pará /2020

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Por que a escola é a referência de todos os saberes.
P2	É preciso sim, por que na escola que o aluno estuda e é lá que ele aprender o que é necessário pra sua vida.
P3	É no contexto escolar que a criança descobre os conhecimentos que ela precisa para sua vida. E a cultura é um saber necessário.

É preciso sim, trabalha a cultura e as tradições no contexto escolar, responderam os entrevistados. Pois a escola é referência de saberes e conhecimentos e a cultura é necessária para a vida das pessoas.

Os educadores precisam considerar a cultura como aliada no processo de aprendizagem, como também verificar a importância que a cultura tem no processo do conhecimento, averiguar os pontos positivos que a cultura tem a oferecer a ao processo educacional, e conscientizar educadores e educandos da importância da cultura para a vida do aluno.

Candau (2003) afirma que cultura é um fenômeno plural, multiforme que não é estático, mas que está em constante transformação, envolvendo um processo de criar e recriar. Ou seja, a cultura é por sua vez um componente ativo na vida do ser humano e manifesta-se nos atos mais corriqueiros da conduta do indivíduo e, não há indivíduo que não possua cultura, pelo contrário cada um é criador e propagador de cultura.

Quando se trata de cultura e educação, pode-se dizer que são estes fenômenos intrinsecamente ligados que, juntas tornam-se elementos socializadores, capazes de modificar a forma de pensar dos educandos e dos educadores e quando adota-se a cultura como uma aliada no processo de ensino-aprendizagem está-se permitindo que cada indivíduo que frequenta o ambiente escolar, sinta-se participante do processo educacional e enriquecido de conhecimento sobre sua própria história

3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES

A cultura da Amazônia e especificamente de um povo ou etnia, tem um importante papel no processo de aprendizagem, pois nutre todo processo educacional, na missão de formar indivíduo crítico e conhecedor de sua origem cultural, daí a necessidade de se discutir as culturas diversas na sala de aula.

Diante disso, considerando a pesquisa a escola citada, sugeriu-se algumas propostas para o ensino na cultura sala de aula.

1. Fazer alterações curriculares, inserindo a cultura indígena como disciplina na escola.
2. Trabalhar metodologias diferenciadas para a inserção das tradições indígenas na escola.

3. Promover eventos culturais no ambiente escola, incluindo toda a comunidade civil.
4. Identificar manifestações culturais e sua preservação como tradição de um povo.

A escola deve seguir o papel de intermediador entre as diferentes culturas populares, permitindo o debate entre elas e por certo a valorização delas através dos eventos escolares ou outros meios pedagógicos que devem ser desenvolvidos no ambiente escolar.

Enfim, a cultura sem dúvida deve estar presente no ambiente escolar, pois também faz parte do processo de ensino aprendizagem que nutre, socializa e fornece ideias para um aprendizado mais eficiente, que cria formas especiais de comportamento, muda o funcionamento da mente, constrói novas possibilidades de conhecimento de mundo e de povo, no sistema de desenvolvimento do comportamento humano.

CONCLUSÃO

A cultura é o elemento essencial no processo de ensino-aprendizagem, que a escola deve incorporar em seu contexto e, portanto esta deve ser inserida nos currículos escolares, nos projetos e outras atividades pedagógicas, como a Cultura da Amazônia, para que haja a socialização do discente e docente possibilitando para que as demais culturas também possam ter seu espaço no ambiente escolar.

Assim, por meio de uma pesquisa realizada com professores na EMEIEF Karo Bempõ na Aldeia Katô, em Jacareacanga- Pará, em Outubro de 2020, chegou-se a conclusão que é necessária a valorização da cultura indígena Munduruku nas escolas; porém, ainda falta muito a ser trabalhado, considerando que esta não está inclusa no currículo escolar e que é apenas trabalhada de forma diversificada, como manifestação de um povo e que deve ser vivida como tradição que jamais deve ser esquecida.

Também percebeu-se que a comunidade e escola já vivem as manifestações culturais como forma de tradição que são diversas; e que passa de pais para filhos, mas a escola precisa trabalhar cientificamente, inserindo no currículo a fim de registro oficial do tema..

O ensino cultural da cultura Munduruku tem esse poder de integrar os diferentes saberes e levá-los a discussão em sala de aula, à sua valorização no ambiente escolar; mas para que isso ocorra faz-se necessário a capacitação do professor para que este possa ter um novo olhar sobre a cultura na sala de aula.

Portanto, é papel da escola socializar o conhecimento, mas também é dever desta atentar para as manifestações culturais, como uma forma de ensinar e socializar os educandos. Compreende-se a cultura como um elemento que nutre o processo de ensino aprendizagem, fornece vários meios a ser discutidos em sala de aula. Para melhorar faz-se necessário desfazer o caráter excludente de algumas escolas e do currículo tradicional, que reproduzem as desigualdades sociais ao trabalhar com padrões culturais distantes das realidades dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Ana Luisa Gonçalves de. **Feitiçaria entre os Munduruku : uma forma de resistência cultural**. Brasília : UnB/DAN, 2001. (Monografia de Graduação)

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 1988.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 2008**. Disponível em: . Acesso em: 07 Maio de 2020

BRASIL. **LEI Nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Disponível em: . Acesso em: 02 de Maio de 2020.

BRASIL. Lei n. 11.645. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as **diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_. Acesso em 01 de maio de 2020.

BARRETO. Ad. De P. **Terapia Comunitária passo a passo**. Fortaleza. Gráfica LCR, 2008

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001 .

BALDUS. Herbert. **O xamanismo**. Revista do Museu Paulista. N. S.. vol. 16, São Paulo. 1965/66.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura**. In: STRECK, Danilo. (Org). Dicionário Paulo Freire. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CAMPOMORI, Maurício José Laguardia. **O que é avançado em cultura**. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org). **A república dos saberes: arte, ciência, universidade e outras fronteiras**. Belo Horizonte: Ed.da UFMG, 2008. p. 73-80.

CANDAU, Vera Maria Ferrão - **Educação escola e Cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, 2003.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos Humanos, Educação e Interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de Educação. V.13, n.37, jan-abr 2008, p.45-57.

CANEN, Ana; OLIVEIRA, Ângela M. A. de. **Multiculturalismo e currículo em ação**. Revista Brasileira de Educação. Set/Out/Nov/Dez 2002 nº 21. 2002.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CARVALHO, Leandro. **"Índios do Brasil"; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/indios-brasil1.htm>. Acesso em 17 de outubro de 2019.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. **Cultura e diversidade**. 20 ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

CRUZ, Caroline Silva; JESUS, Simone Silva. Lei 11.645/08: **A escola, as relações étnicas e culturais e o ensino de história** - algumas reflexões sobre essa temática no PIBID. XXVII Simpósio Nacional de História, 2013.

DIÈNE. Doudou. **Racismo, discriminação racial e economia Social**, E/CN.4/2004/18, 21 de Janeiro de 2004, Nações Unidas, 2004.

FLEURI, Reinaldo M. **Desafios à Educação Intercultural no Brasil**. **Educação, Sociedade e Cultura**, n.16, 2001, p.45-62.

FREIRE. Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FUNAI. ÍNDIOS do Brasil. **Conteúdo extraído do site da Fundação Nacional do Índio**. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/portal/> Acesso em 30 mar. 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. Ou um ou outro

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

MELIÁ, Bartolomeu. **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

MENÉNDEZ, Miguel A. **A área Madeira-Tapajós: situação de contato e relações entre colonizador e indígenas**. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2005. p. 281-296.

MOREIRA, Antonio Flavio; CANDAU, Vera M. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, n.23, 2003, p.156-168.

MURTA, A. M. G. **Contribuições da psicologia sócio-histórica para a Educação Inclusiva: os sentidos produzidos por professores da educação infantil de uma cidade do Vale do Jequitinhonha acerca da inclusão escolar**. Dissertação

(Mestrado em Educação: Psicologia da Educação). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

RIBEIRO, D. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. Petrópolis, Vozes, 1977.

SACRISTÁN, J. Gimeno. GÓMEZ. A.I Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2005.

SECAD. **Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade** (Secad/MEC) Esplanada dos Ministérios, Bloco L, sala 700, 2007

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: Perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Global, 2004.

SILVA. Aracy Lopes da. **Temática Indígena na Escola – novos subsídios para professores de 1º e 2º Graus**, MEC/MARI/UNESCO, Brasília, 1988, 575 páginas.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo e identidade social: territórios contestados**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **A Antropologia e o Mundo Contemporâneo: Cultura e Diversidade**. In A. L. da Silva; Grupioni, L. D. B. (orgs.). **A Temática Indígena na Escola**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

APÊNDICES



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.

Este questionário é parte integrante do trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Valorização da cultura indígena Munduruku nas escolas”, do curso de Pedagogia da faculdade de itaituba- FAI.

Questionários para os professores

- Sexo: _____ Idade: _____.
- Professor: Indígena () Não- indígena ()
- Graduação em: _____.
- Pós- graduação: Sim () Não ()
- Quantos anos trabalha na educação: _____.
- Tempo de trabalho nesta escola: _____.
- Já trabalhou em outra escola? _____.
- Já exerceu outra profissão? Qual? _____.

1. Para você, o que é a cultura?

2. A comunidade preserva as tradições do povo? Como?

3. Cite tradições culturais da comunidade.

4. A escola trabalha as diversidades culturais indígenas? De que forma?

5. A cultura indígena é mencionada no currículo educacional indígena? Justifique sua resposta.

6. As manifestações culturais consistem na vivência e tradições do povo. Que tipos de manifestações culturais indígenas são trabalhadas e estão presentes na escola?

7. Por que é preciso trabalhar a cultura e as tradições no contexto escolar?

Obrigado!